

**Ana Paula Teixeira**

**VERIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO VARIÁVEL DE APAGAMENTO DO FONEMA /R/ POR CRIANÇAS COM ALTERAÇÃO DE FALA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE.**

**Belo Horizonte**  
**Faculdade de Letras da UFMG**  
**2011**

**Ana Paula Teixeira**

**VERIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO NO PROCESSO VARIÁVEL DE APAGAMENTO DO FONEMA /R/ POR CRIANÇAS COM ALTERAÇÃO DE FALA NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estudos linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Evelyne Dogliani

**Belo Horizonte**  
**Faculdade de Letras da UFMG**  
**2011**

Dissertação defendida por ANA PAULA TEIXEIRA em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ e aprovada pela Banca examinadora constituída pelos Professores Doutores relacionados a seguir:

---

**Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani - UFMG**  
**Orientadora**

---

**José Sueli de Magalhães- UFU**

---

**César Nardelli Cambraia – UFMG**

*"Quem não vê bem uma palavra,  
não pode ver bem uma alma."*

Fernando Pessoa

## Agradecimentos

Dedico este trabalho à minha orientadora Evelyne Dogliani, que se debruçou sobre o meu trabalho com muita competência, sabedoria e um enorme carinho.

Aos professores do programa de pós- graduação, Ana Cristina Fricke Matte, César Nardelli, Maria Antonieta Cohen, Maria Luisa Cunha Lima, Rui Rothe e Thaïs Cristófar, pelo conhecimento cedido durante as disciplinas por eles ministradas.

Agradeço à Franciene Assunção, por sua enorme amizade e por ter me estimulado a ingressar no programa de pós- graduação.

Agradeço à amiga Ana Paula Mendes Alves, que me encoraja e me mostra a simplicidade de tudo.

Meus agradecimentos também aos amigos, Andréia Almeida Mendes, Luciene Maria Braga, Carolina Dias Cunha, Celso Reis, Danúbia Aline Silva, Joviano e Neffer Luiza de Aguiar Pinheiro, que caminharam comigo durante as disciplinas e ainda me fizeram dar boas risadas.

Sou grata à psicóloga Fernanda de Cássia de Almeida Silva, que me incentiva a acreditar nas minhas conquistas e me ajuda a traçar novas trajetórias.

Aos colegas de trabalho, pelo companheirismo e compreensão nos momentos de ausência.

Às crianças e aos seus pais que, além de trazerem inúmeras alegrias ao meu trabalho, permitiram realizar as gravações.

Aos meus colegas de profissão, que gentilmente responderam à pesquisa.

Aos meus pais e ao meu irmão por todo amor e investimento que depositaram em mim. Ao Erik, por me acompanhar nessa jornada.

A Deus, pela vida, que é tudo.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1- O OBJETO DE ESTUDO</b> .....	13
1.1 A AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA E A CORREÇÃO DE VARIAÇÕES .....	14
1.2 OS OBJETIVOS DESTE ESTUDO.....	21
<b>CAPÍTULO 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E OS ESTUDOS SOBRE O APAGAMENTO DO /R/</b> .....	21
2.1. VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	22
2.2. A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA.....	23
2.3. PROPOSTA DO MOVIMENTO NEOGRAMÁTICO.....	25
2.4. DIFUSÃO LEXICAL.....	26
2.5. REVISÃO DE ESTUDOS A RESPEITO DO /R/.....	29
<b>CAPÍTULO 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	41
3.1 MATERIAL E MÉTODO DA AVALIAÇÃO DA FALA DE CRIANÇAS POR UM GRUPO DE FONOAUDIÓLOGOS.....	42
3.1.1 A MONTAGEM DO TESTE.....	42
3.1.1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES.....	42
3.1.1.2 A PREPARAÇÃO E A APRESENTAÇÃO DOS ARQUIVOS DE SOM.....	43
3.1.1.3 A ESCOLHA DOS ITENS DA AMOSTRA DE FALA.....	45
3.1. 2 A APLICAÇÃO DOS TESTES.....	47
3.1. 2 .1 A ESCOLHA DOS AVALIADORES DAS AMOSTRAS DE FALA.....	47
3.1. 2. 2 AS AVALIAÇÕES DAS AMOSTRAS DE FALA.....	49
3.2 MATERIAL E MÉTODO DA AVALIAÇÃO DA FALA PELA APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM AMOSTRAS TRANSCRITAS.....	49
3.2.1. A MONTAGEM DO TESTE.....	49
3.2.1.1 A PREPARAÇÃO E A APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS.....	49
3.2.1.2. A ESCOLHA DOS ITENS DOS QUESTIONÁRIOS.....	50

3.2. 2 A APLICAÇÃO DOS TESTES.....	51
3.2.2.1 A ESCOLHA DOS AVALIADORES DOS QUESTIONÁRIOS.....	51
3.2.2.2 AS AVALIAÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS.....	51
3.3 MATERIAL E MÉTODO DA ANÁLISE DE AVALIAÇÕES ARQUIVADAS.....	52
3.3.1 ARQUIVO ANALISADO.....	52
<b>CAPÍTULO 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>52</b>
4.1 RESULTADOS DO PRIMEIRO TESTE- AVALIAÇÃO DA FALA DE CRIANÇAS POR UM GRUPO DE FONOAUDIÓLOGOS.....	53
4.1.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DA FALA DE CRIANÇAS POR UM GRUPO DE FONOAUDIÓLOGOS.....	53
4.1.2 ANÁLISE DOS ITENS PELOS FONOAUDIÓLOGOS.....	61
4.2 RESULTADOS DO SEGUNDO TESTE- APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM AMOSTRAS TRANSCRITAS.....	65
4.2.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM AMOSTRAS TRANSCRITAS.....	66
4.3 RESULTADOS DO TERCEIRO TESTE- A ANÁLISE DAS AVALIAÇÕES ARQUIVADAS.....	77
4.3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES ARQUIVADAS.....	77
4.4 CONCLUSÕES DAS ANÁLISES.....	80
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>87</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1:</b> Teste ABFW.....	15
<b>FIGURA 2:</b> Teste YAVAS.....	16
<b>FIGURA 3:</b> Teste REALFA.....	17
<b>FIGURA 4:</b> Tira- quadrinhos de Maurício de Sousa.....	31
<b>FIGURA 5:</b> Diagrama arbóreo retirado de HERNANDORENA (1996).....	38
<b>FIGURA 6:</b> Tela do programa SONY SOUND FORGE 8.0 retratando o processo de edição das amostras de fala.....	44

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> criado a partir dos dados da pesquisa de CALLOU, MORAES e LEITE (1996).....	33
<b>GRÁFICO 2:</b> criado a partir dos dados da pesquisa de CALLOU, MORAES e LEITE (1996).....	33
<b>GRÁFICO 3:</b> O /R/ medial em São Paulo.....	34
<b>GRÁFICO 4:</b> Comparação entre as avaliações do item “macha”.....	70
<b>GRÁFICO 5:</b> Comparação entre avaliações do item “pu favô”.....	71
<b>GRÁFICO 6:</b> . Avaliação do /R/ medial.....	72
<b>GRÁFICO 7:</b> Avaliação do /R/ final.....	73
<b>GRÁFICO 8:</b> Avaliação do item [bisikreta] “bicicreta”.....	75
<b>GRÁFICO 9:</b> Avaliação do item [bruza] "brusa".....	75
<b>GRÁFICO 10:</b> Avaliação item [payasu]"paiasu'.....	76
<b>GRÁFICO 11:</b> Avaliação dos itens nos prontuários.....	78

## LISTA DE ORGANOGRAMAS:

<b>ORGANOGRAMA 1 :</b> Segmentos vizinhos para a geometria de traços.....	39
<b>ORGANOGRAMA 2 :</b> Apagamento de segmento idêntico.....	40
<b>ORGANOGRAMA 3:</b> Resultado do apagamento do /R/.....	40



## **LISTA DE QUADROS:**

<b>QUADRO 1:</b> Avaliação do /R/ no teste REALFA.....	18
<b>QUADRO 2:</b> Tabela retirada de CALLOU, D. et al (1998).....	29
<b>QUADRO 3 :</b> Perfil das crianças que tiveram a fala gravada.....	43
<b>QUADRO 4:</b> Justificativa para a escolha dos itens das amostras de fala.....	47
<b>QUADRO 5:</b> Descrição dos avaliadores das amostras de fala.....	48
<b>QUADRO 6:</b> Justificativa para a escolha dos itens do questionário.....	51

## **LISTA DE TABELAS:**

<b>TABELA 1:</b> Análise geral dos resultados das amostras de fala.....	53
<b>TABELA 2:</b> Análise dos resultados por item das amostras de fala.....	55
<b>TABELA 3:</b> Não concordância entre profissionais na análise das amostras de fala.....	57
<b>TABELA 4:</b> Suspeita quanto à variação.....	58
<b>TABELA 5:</b> Profissionais formados a menos de um ano.....	60
<b>TABELA 6:</b> Profissionais formados a mais de um ano.....	60
<b>TABELA 7A:</b> Análise do perfil profissional X item (amostras das crianças R61 e R62).....	62
<b>TABELA 7B:</b> Análise do perfil profissional X item (amostras das crianças B6 e D8).....	63
<b>TABELA 7C:</b> Análise do perfil profissional X item (amostras das crianças J6 e M9).....	64
<b>TABELA 8:</b> Avaliação dos casos do questionário.....	67
<b>TABELA 9:</b> Relação de avaliações dos itens questionário.....	68
<b>TABELA 10:</b> Avaliação dos itens X casos do questionário.....	68
<b>TABELA 11:</b> Avaliações sobre as variações: /l/ → /r/ e /ʎ/ → /y/.....	74
<b>TABELA 12:</b> Avaliação dos itens nos prontuários.....	77

## RESUMO

Este trabalho analisou a relevância prestada à variação linguística no parecer da avaliação fonoaudiológica da fala de crianças de seis a dez anos em Belo Horizonte e região. Para direcionar esse estudo, descreve-se o fenômeno da variação manutenção/cancelamento do /R/ final e medial em nomes e verbos, através de estudos realizados no âmbito da sociolinguística. A pesquisa levanta dados sobre a repercussão desse fenômeno entre profissionais fonoaudiólogos. O apagamento do /R/ final e medial recebe atenção do meio fonoaudiológico, no entanto, há pouco ou nenhum reconhecimento da variação inerente a esse fonema. O objetivo desse trabalho é contribuir para a melhoria dos processos avaliativos fonoaudiológicos, que, ao deixar de tratar como patologia as variantes sociolinguísticas, contribuirão para uma mudança de postura dos pacientes e de suas famílias, bem como para uma redução do tempo de tratamento. Foi realizada uma investigação sobre as características da variação: apagamento do segmento /R/ em posição final e medial, tanto em dados coletados na pesquisa (amostras de fala de crianças e avaliações fonoaudiológicas) quanto em estudos já realizados dentro da área de variação e mudança linguística, linguística histórica, fonética, fonologia e fonoaudiologia. Os diferentes blocos de dados submeteram-se a uma análise orientada pela Teoria da Variação conforme WEINREICH, LABOV E HERZOG (1968), LABOV (1972) E LABOV (1994). Obtiveram-se indícios de que a avaliação proposta pelos fonoaudiólogos é tributária da posição do fonema (medial ou final) e do estágio em que se encontra cada um dos processos; da classe de palavra em que se dá o processo de variação (nomes e verbos); do tipo de item lexical em que se atualiza o fenômeno do apagamento, e do perfil lingüístico do indivíduo em que se ilustram as variantes analisadas.

## ABSTRACT

This paper analyzed the relevance of language variation in the feedback of the speech evaluation of six to ten-year-old children from Belo Horizonte and surroundings. The phenomenon described in this study is the one of variation/ cancellation of the final and medial /R/ in nouns and verbs, through studies carried out in the scope of sociolinguistics. The research collected data about the repercussion of such phenomenon among professional speech therapists. The deletion of the final and medial /R/ gets the attention of speech therapists; however, there is very little – if any – recognition of the inherent variation of this phenomenon. The aim of this study is to contribute to the improvement of speech assessment processes. Once not treating sociolinguistic variants as pathologies, such assessment processes will contribute to the patients' and their families' change of attitude as well as the reduction of treatment length. Research on variation characteristics has been carried out: final and medial /R/ deletion, in data collected for the present study (children's speech samples and evaluations) as well as in studies made within the areas of language variation and change, historical linguistics, phonetics and phonology and speech therapy. The different blocks of data were submitted to an analysis guided by the Variation Theory according to WEINREICH, LABOV & HERZOG (1968) and LABOV (1972, 1984). It has been observed that the evaluation proposed by the speech therapists is tributary to the position of the phenomenon (medial or final) and to the stage in which each one of the processes is; to the word class in which the variation process takes place (nouns and verbs); to the type of lexical item in which the erasure phenomenon happens; and the linguistic profile of the individual in which the analyzed variants are pictured.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a relevância prestada à variação linguística no parecer da avaliação fonoaudiológica da fala de crianças de seis a dez anos em Belo Horizonte e região. Para direcionar esse estudo, descreve-se a produção do fonema /R/, que exhibe grande variação no Português Brasileiro.

O papel do fonoaudiólogo, enquanto profissional habilitador/ reabilitador da fala é estimular e orientar a produção da fala do indivíduo até que se obtenha o padrão ideal para determinada faixa etária. Para que isso ocorra, o profissional geralmente direciona seu trabalho por meio da análise de resultados dos testes de fala. Tais testes são baseados na idealização de uma “norma culta-padrão”, no senso comum e pouco levam em consideração as variações linguísticas. Cabe então ao fonoaudiólogo a compreensão das formas variantes da língua, para conduzir satisfatoriamente seus atendimentos. No entanto, em sua formação acadêmica, muitas vezes, esse profissional não encontra espaço para esse aprendizado.

As formas variantes que se desviam do padrão são comumente estigmatizadas dentro da sociedade em geral; através delas, os falantes são rotulados quanto a sua classe social, origem, escolaridade, etc. As variedades não- padrão tornam-se então alvo de correção por parte da escola e de “autoridades da língua”. A presente reflexão investiga se, no âmbito do tratamento fonoaudiológico, os profissionais também tendem a corrigir essas formas, tratando-as como patológicas, distorcidas, como “*erros de desempenho*” (TARALLO & ALKMIN, 1987). Como os fonoaudiólogos avaliam as formas variantes? O profissional considera que a criança que apresenta problemas de fala também apresenta uma “organização gramatical” funcional em seu meio-cultural? Durante a elaboração do diagnóstico, deve-se levar em conta que, quando a criança chega para o tratamento, não chega desprovida de tudo, já possui alguma bagagem linguística adquirida no convívio, que não pode ser ignorada. A criança precisa ser orientada quanto à existência e ao uso das variações linguísticas nas diversas situações de fala.

O indivíduo que está sendo habilitado/reabilitado deve conhecer outras formas variantes, além daquelas que usa comumente. Ele deve estar apto a lidar com a diversidade linguística,

ser consciente da língua da qual “participa”. Isso facilitará todo tipo de aprendizado relacionado à linguagem.

## **CAPÍTULO 1. O OBJETO DE ESTUDO**

As avaliações dos profissionais fonoaudiólogos no que concerne a manutenção/cancelamento do /R/ em coda final e medial na fala de crianças de Belo Horizonte constituem o objeto de estudo desta pesquisa. Esse estudo permitirá identificar o grau de conhecimento desses profissionais acerca da variação linguística.

É desejável alertar os profissionais da área quanto ao caráter mutável e variável da língua. O desconhecimento acerca da heterogeneidade linguística pode levar à conduta “inconsciente” de estigmatizar os falares de determinadas classes sociais e localidades, fator que contribui para a baixa auto-estima das crianças com relação a sua fala.

Torna-se necessário um cuidado especial para distinguir duas situações na fala da criança: a primeira, uma real dificuldade de produção do fonema, e a segunda, a produção de uma forma que a criança internalizou com o uso, na convivência com o meio. As variações fonológicas, por exemplo, não podem e não devem ser tratadas como desvios fonológicos. As variações sonoras devem ser identificadas como naturais, mesmo porque, nem sempre afetam uma classe completa de sons, propriamente dita, mas os fonemas em contextos específicos.

Elege-se o fonema (arquifonema) /R/ em coda para o estudo nesta pesquisa, porque ele é alvo frequente da atuação dos fonoaudiólogos, já que vários problemas relacionados à sua articulação caracterizam, de fato, patologias, mas podem ser confundidos com variantes sociolinguísticas. Esse fonema será mencionado ao decorrer deste trabalho como /R/.

Este trabalho retoma descrições teóricas e pesquisas já realizadas na área de variação e mudança linguística, linguística histórica, fonética e fonologia e fonoaudiologia. Após considerações relativas ao referencial teórico e à descrição da variável, procede-se à pesquisa, que se orienta por gravações de fala de crianças, avaliações fonoaudiológicas, conclusões quantitativas e discussão dos resultados.

O assunto referente à variação manutenção/cancelamento do /R/ já foi proposto por diversos autores, que caracterizam o cancelamento como vulgarismo ou variedade das classes desprivilegiadas e por outros estudiosos que discutem um processo de mudança linguística para o fenômeno do cancelamento do /R/ e ainda postulam as formas de sua implementação. As propostas de análise dessa variação são encontradas em REIS e BATTI (2006), HUBACK (2003), OLIVEIRA (2001) CALLOU, MORAES e LEITE. (1998), OLIVEIRA (1991 e 1997).

A pesquisa acerca da variação/mudança linguística com crianças pode, em um segundo momento, esclarecer questões sobre a implementação da mudança linguística, sobre os processos de aquisição de linguagem e ainda propiciar a obtenção de dados que contribuam para a melhoria do ensino e dos tratamentos fonoaudiológicos.

## 1.1 A AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA E A CORREÇÃO DE VARIAÇÕES

O apagamento do /R/ final recebe atenção do meio fonoaudiológico, no entanto, há pouco ou nenhum reconhecimento da variação inerente a esse fonema. A pesquisa que propõe a identificação de problemas de fala deveria, a princípio, considerar as variações linguísticas da comunidade de fala. A seguinte citação, retirada de uma revista de fonoaudiologia, revela algumas dificuldades na caracterização das alterações de fala em relação às variações linguísticas. Nesse artigo não houve preocupação em esclarecer esse tipo de cruzamento:

“Encontrou-se no presente estudo os seguintes processos fonológicos: redução de encontro consonantal, **apagamento do /r/ em final de sílaba dentro da palavra**, semivocalização do /r/ (...) Estudo longitudinal realizado no Brasil, que acompanhou 236 crianças desde os 6 anos, na Educação Infantil, até a 3ª série do ensino fundamental, mostrou que o grupo de crianças que chegaram aos 6 anos com **aquisição fonológica incompleta** apresentou dificuldade no desenvolvimento da linguagem escrita nas séries iniciais quando comparadas ao grupo controle”. Rev Fonoaudiologia Brasil. Jan, Fev, Mar 2005; 3(1): PAG.1-4.<sup>1</sup>

O tratamento fonoaudiológico de desvios ou processos fonológicos (patologias) é voltado para a “instalação” ou melhoria da produção articulatória de fonemas, pelas crianças, tendo-se em conta uma hierarquia cronológica para a criança. Estima-se que a criança adquira o fonema /R/ até os quatro anos de idade. *O apagamento de consoantes finais envolve o apagamento de uma consoante final(...), de maneira que a forma final da palavra que termina*

---

<sup>1</sup>Grifos meus.

em uma vogal é comum em crianças de até três anos, mas rara depois dos três anos de idade INGRAM apud LOWE (1996: 90).

Uma forma muito comum de coleta de dados em contextos clínicos é a nomeação e produção de fala a partir da visualização de figuras: trata-se de um método rápido com fácil direcionamento para avaliação de determinados fonemas. Para essa coleta existem alguns materiais já padronizados, como os testes ABFW, YAVAS, M *et al.*<sup>2</sup> (A.F.C) e REALFA. As figuras a seguir ilustram esses testes.



Figura 1: Teste ABFW- Capa do teste e figuras ilustrativas para nomeação (palhaço, casa, tambor, piano)

<sup>2</sup> HERNANDORENA, C., LAMPRECHT, R. Avaliação Fonológica da Criança- A.F.C.

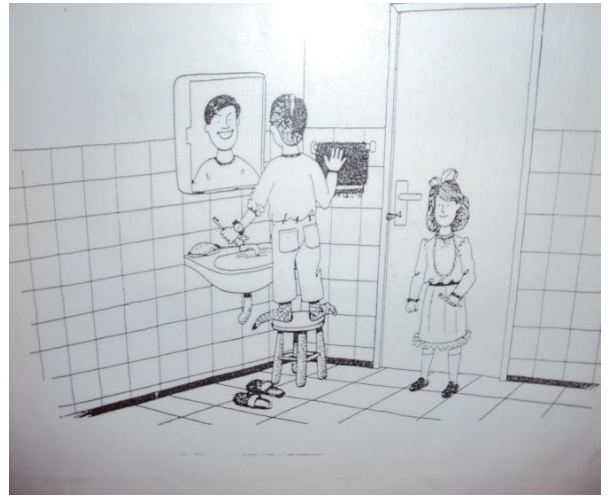


Figura 2: Teste YAVAS- figuras ilustrativas para nomeação





Figura 3: Teste REALFA- figuras ilustrativas para nomeação

A principal fonte de informações para a avaliação de fala, a partir desses testes, provém da nomeação de figuras, devido à praticidade oferecida por esse método.

Após a nomeação feita pela criança, os dados obtidos são registrados e analisados. A partir daí, o fonoaudiólogo é responsável pelo diagnóstico. Uma vez que se obtém um bom diagnóstico, o tratamento torna-se mais direcionado e mais efetivo.

O teste REALFA foi escolhido para a obtenção de parte dos dados dessa pesquisa, como se verá na metodologia descrita no capítulo 3. A escolha desse teste justifica-se pela facilidade de nomeação e conclusão do teste e da hipótese diagnóstica, além disso é um teste usado há mais tempo e seria mais provável encontrar avaliações já realizadas que o utilizaram. O

REALFA não apresenta uniformidade com relação ao número de itens que apresentam o apagamento do /R/ medial ou final, sendo o seguinte contexto para avaliação do /R/:

<u>Sílaba Inicial</u>	<u>Sílaba Medial</u>	<u>Sílaba Inicial- Final</u>
Tartaruga, sorvete, guarda- chuva, jornal, borboleta, martelo, urso, arvore, armário.	aniversário	flor

Quadro 1: Avaliação do /R/ no teste REALFA

O apagamento do /R/ pode ocorrer caracterizando uma variação linguística, mas pode ser também um desvio fonológico. O profissional não orientado quanto às variações linguísticas próprias de sua região pode cometer “erros” na avaliação das amostras de fala e desviar o tratamento para “correção” de uma variante.

Vejam-se alguns exemplos retirados de relatórios de avaliações fonoaudiológicas previamente analisados:

1) REALFA realizada com o paciente S. E. P de 6 anos em Fev/2005 : ‘Omissão de /R/ em *urso, borboleta, armário, tartaruga*’.

2) REALFA realizada com paciente P. C. F,9 anos em Mai/2004: ‘Omissão de /R/ em *guarda*.’

3) Teste realizado por outra profissional: Paciente B. A. D., 4 a. e 6 meses em Mai/2001 : ‘Omissão sistemática do arquifonema /R/.

4) Relato a respeito de uma avaliação: ‘Ele falou “flô”, está errado, o certo é “flôr, então, eu trato!”

Uma parte da bibliografia da fonoaudiologia traz informações acerca da aquisição fonológica e sua relação com o meio social, mas referem-se precariamente a algumas variações e fazem poucas considerações a respeito da mutabilidade da língua. LAMPRECHT (2004) menciona as características dialetais de Porto Alegre e Pelotas (RS): palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/ (“tia”→[tʃia]); elevação das vogais médias /e/ para [i] e /o/ para [u] (“menino”→ [mi’ninu]);

semivocalização ou velarização da lateral quando em posição de coda (“sal”→[saw]); monotongação de ditongos fonéticos (“madeira”→ [ma’dɛrɐ]); não- produção, quase categórica, do /R/ do morfema do infinitivo (“lavar”→ [la’va]), dentre outras poucas variações. A autora, em outra seção, referente à aquisição da coda, expõe estratégias de reparo utilizadas na aquisição da líquida não-lateral em coda, como a alta porcentagem de omissões em coda final (ex: “cantor→”cantô”) e medial (ex: “carta”→”cata”), dizendo que *‘esse parece ser o recurso preferido pelas crianças quando ainda não conseguem produzir a coda medial’*. A avaliação refere-se, tanto ao /R/ final quanto ao medial, sem distinções.

Conforme se verá no próximo capítulo essas distinções são relevantes no âmbito da sociolinguística. O trabalho de CALLOU, *et al* (1996), sobre as variantes do /R/ encontradas em cinco capitais brasileiras, demonstra que o cancelamento do /R/ final é alto (37%) e o cancelamento do /R/ medial é possível e ocorre em 4% da amostra de Porto Alegre.

Segundo MIRANDA (2001), as crianças na faixa etária de 2 anos a 2 anos e 7 meses produzem mais róticas na posição de coda final do que na posição de *onset*, parâmetro silábico adquirido muito cedo. Já na coda medial, o /R/ só é produzido com a mesma frequência pelas crianças a partir dos 3 anos e 2 meses. Essa significativa diferença cronológica constatada entre aquisição da coda medial e final pareceu ser um indício de que a posição de coda medial já estaria adquirida, embora a produção fonética do segmento rótico não fosse percebida, a posição é preservada através do prolongamento da vogal e manutenção da unidade de tempo do nível esqueletal.

Apresentam-se, a seguir, algumas transcrições de fala de crianças, listadas em palavras isoladas e pequenas frases, que foram avaliadas previamente por um fonoaudiólogo para se observar o alcance da hipótese prevista na justificativa deste trabalho. Verificaram-se, dentre outras, as seguintes avaliações:

“lavar”→”lavá” -omissão de /R/;

“marcha”→”masa”-omissão de /R/ e substituição de /r/→s;

“trator”→”tlatô”-substituição de /r/→// e omissão de /R/;

“lugarzinho”→”lugazinho”-omissão de /R/;

“aniversário”→”anivesáliu”-omissão de /R/ e substituição /r/→//;

“por que eu não sei” → “pu’kew numsei” - omissão do /R/.

Ao estabelecer a prioridade de tratamento, o profissional enumerou a “omissão” do /R/ como quarto desvio a ser tratado. Como se vê, esses e outros procedimentos de avaliação fonoaudiológicos consideram apenas as “regularidades” da língua, assemelhando-se às descrições das gramáticas normativas.

Segundo PAGLIARIN (2007), na fala da criança com desvio fonológico, as únicas consoantes articuladas que ocorrem com alguma frequência em posição final de sílaba são nasais, embora se registre a ocorrência ocasional de uma fricativa em final absoluto, além de que as estruturas fonotáticas das sílabas apresentam-se reduzidas a CVCV. A autora, no entanto, não se refere à redução ou apagamento de consoante final como variação linguística.

MESQUITA (1994), na sessão de *Ortografia* apresenta “normas para falar bem”: *‘Lendo-se em voz alta o fragmento do texto Rosinha, Minha Canoa, de José Mauro de Vasconcelos, pode-se perceber que existe a firme intenção do autor em registrar, além da ingenuidade e da simplicidade do personagem, o falar regional do Chico do Adeus. Embora esse personagem consiga comunicar-se com seu médico, ele contraria profundamente a pronúncia padrão da norma culta do português, usando, de modo despreocupado, vocábulos deturpados. Observe:*

*’\_Sinto, sim siô, desde minino.’*

*Em vez de ’-Sinto, sim senhor, desde menino’*

*’Vontade de viaja.’*

*Em vez de ’Vontade de viaja’*

*’Num é praquê o siô nunca sintiu...’*

*Em vez de ’ Não é porque o senhor nunca sentiu....’*

O gramático considera que essas produções são problemas ortofônicos, isto é problemas “linguísticos gerados por uma inadequada pronúncia dos vocábulos. ”

De acordo com MOTA (2001) *apud* PAGLIARIN (2007), para avaliar as alterações de fala, é necessário que o terapeuta tenha conhecimento dos padrões normais de pronúncia de sua comunidade linguística, bem como dos padrões normais de desenvolvimento da fala.

A avaliação fonoaudiológica parece estar baseada em dados criados por abstração ou conhecimento de “norma-culta” do terapeuta, quando poderia contar com descrições científicas do dialeto regional. A hipótese proposta aqui é a de que há muitas dificuldades na identificação de variações fonológicas pelo fonoaudiólogo, aqui especificamente relacionadas à manutenção/apagamento do /R/.

## **1.2 OS OJETIVOS DESTE ESTUDO**

O objetivo deste trabalho é averiguar se há direcionamento dos fonoaudiólogos para tratar as variações, dando a elas rotulações patológicas. Tendo-se em conta que as avaliações tomadas como objeto de estudo serão exclusivamente aquelas que contemplam fatos de variação linguística, conforme a literatura relevante pretende-se apresentar análise quantitativa do volume de variantes reconhecidas como tais, e não como patologia, pelos profissionais. O desdobramento desta pesquisa será a possibilidade, em longo prazo, de amenizar as divergências e os preconceitos do fonoaudiólogo com relação à fala que diverge da norma-padrão, a partir da identificação dos problemas relacionados à avaliação.

Este trabalho compõe um cruzamento de conteúdos teóricos relacionados ao estudo da variação do /R/ com dados especificamente levantados sobre a avaliação dessa variação fonológica. Investigam-se as características do fonema /R/ em posição final de sílaba em estudos já realizados dentro desse campo fonológico, assim como estudos sobre o apagamento desse fonema, no que diz respeito à estrutura fonológica e ao condicionamento social.

## **CAPÍTULO 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E OS ESTUDOS SOBRE O APAGAMENTO DO /R/.**

Nesta pesquisa os dados foram levantados sob a luz da sociolinguística variacionista, cujo precursor foi Wilian Labov, que em 1964 estabeleceu um modelo de descrição e interpretação

das estruturas linguísticas, variações e mudanças dentro do contexto social, levantando questões relacionadas a fatores tais como: situação de fala, gênero, faixa etária, classe social, e escolaridade e origem.

Os dados para esse tipo de pesquisa são coletados através de entrevistas, obtidas em situação real de fala, da qual se extraem os dados para análise e discussão considerando-se a presença de uma variação ou mudança linguística.

## **2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUISTICA**

A língua é um sistema inerentemente variável, já que sua manifestação é um fenômeno social que se submete às diferenças geográficas, temporais, estilísticas e até mesmo individuais. Diversas formas linguísticas ou estruturas gramaticais podem coexistir para expressar o mesmo valor de verdade. Em alguns casos, uma forma pode se sobressair e superar o uso da outra. Quando isso acontece, pode-se dizer que houve uma mudança linguística. Em outros casos, as formas variantes podem conviver continuamente; chamamos esse caso de variação estável. Ao conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

FARACO (1991) menciona a “íntima” relação existente entre variação e mudança e faz referências às características variáveis da língua.

“...nem toda variação implica mudança, mas toda mudança pressupõe variação, o que significa, em outros termos, que a língua é uma variedade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade..”  
FARACO (1991) PAG. 23

O estudo da variação/ mudança linguística, como já foi dito, foi marcado pelo desenvolvimento da teoria variacionista proposta por William Labov. A língua é descrita por ele como o instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala, com aceitação comum de associações entre formas arbitrárias e seus significados. A mudança da língua envolve um desacordo na relação forma/significado, por grupos diferentes de uma mesma comunidade.

“A mudança linguística acarreta uma perturbação da relação forma/significado entre as pessoas afetadas pela mudança de forma tal que as pessoas afetadas não mais codificam os significados como o fazem as pessoas mais velhas da comunidade ou as da mesma idade das comunidades vizinhas. O resultado é a

perda da compreensão para os dialetos e finalmente, ininteligibilidade mútua. ” (LABOV, 1994).<sup>3</sup>

As mudanças podem ocorrer em qualquer parte da organização de uma língua, mas até agora o nível fonético- fonológico é privilegiado, como mencionou FARACO (1991:35) “ *o nível mais estudado até agora em linguística histórica é o fonético- fonológico, como resultado, há, para a descrição de fenômenos desse nível, uma metodologia refinada e um razoável vocabulário técnico corrente entre os linguistas para fazer referência a eventos de mudança sonora*”. Nesse sentido, muitos trabalhos variacionistas têm como foco o fonema.

O estudo da variação e mudança linguística além de se voltar para os aspectos organizacionais da língua (fonema, morfologia, léxico, sintaxe, semântica, pragmática, etc.) e sua implementação no falar de uma determinada sociedade, também leva em consideração os fatores identitários, culturais, demonstrando uma complexa correlação de fatores sociais, culturais, geográficos, estilísticos e temporais. Ao estudo mais apurado dessas relações se dedica a sociolinguística.

## **2.2 A PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA**

A sociolinguística diz respeito, grosso modo, ao estudo sobre a relação entre língua e sociedade, às interferências sociais no uso da língua. Tal área se dedica ao entendimento de como os fatores linguísticos e extralinguísticos interferem nas variantes utilizadas pelos falantes. Os fatores linguísticos estão relacionados ao condicionamento interno, estrutural e os fatores extralinguísticos estão relacionados ao condicionamento externo, como classe social, naturalidade e etnia, sexo, escolaridade e faixa etária. O estudo, através do tempo ou das faixas etárias, pode demonstrar, ainda, como uma mudança linguística é definida. Segundo TARALLO, 1987, “*No meio social as variantes coexistem em seu campo natural de batalha*”. A sociolinguística tem como objetivo identificar as forças que atuam nesse “campo de batalha”.

Os estudos sociolinguísticos pretendem desvendar como a variação é regulada, como fatores de natureza linguística e extralinguística estão ligados na organização do vernáculo nos diversos níveis gramaticais, fonética, morfologia e sintaxe. Numa mesma língua, um mesmo

---

<sup>3</sup>(LABOV, 1994 PAG 9, CAP 1)“Language change involves a disturbance of the form/meaning relationship so that people affected by the change no longer signal meaning in the same way as others not affected-older people in same community, or people of the same age neighboring communities. The result is a loss of comprehension across dialects and ultimately unintelligibility.”

vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, veiculando o mesmo sentido. Levando em consideração os fatores extralinguísticos, tais diferenças ocorrem conforme o lugar- *variação diatópica*- conforme o grau de atenção prestado à fala, estilo ou a situação em que se está falando - *variação diafásica*, e ainda conforme o nível sócio- econômico do falante- *variação diastrática*. É importante saber que as diversas situações exigem o emprego de diferentes variantes linguísticas.

As formas linguísticas ainda podem variar tendo em vista diferentes recortes no tempo, *variação diacrônica*, e por isso os estudos sociolinguísticos, como já foi dito, contribuíram para a compreensão da mudança em progresso. As pesquisas realizadas com diferentes grupos etários (jovens e idosos) podem demonstrar como o uso de determinada forma, seja ela inovadora ou conservadora, está variando, prevendo uma mudança linguística ou confirmando sua consolidação. Os estudos realizados através da comparação entre faixas etárias são chamados estudos em *tempo aparente*, que configuram uma dimensão histórica. As fontes históricas podem configurar também um estudo em *tempo real*, no qual a coleta de dados se dá em períodos de tempo distintos.

O campo de batalha das variantes é determinado também pelas relações de prestígio. Algumas variantes apresentam- se prestigiadas e outras são estigmatizadas. Essa relação está atrelada à classe social que faz uso de cada uma dessas variantes. Geralmente a variante de prestígio é a mais conservadora e é nomeada como a variante padrão. No entanto, outras relações são possíveis dentro da comunidade de fala, e, por exemplo, uma variante não – padrão pode-se mostrar mais forte , como foi demonstrado no estudo realizado por LABOV (1963) na ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, onde a variante local, não-padrão competia com a variante padrão trazida pelos turistas. Apesar disso, a variante realçada pelos nativos da ilha era a não padrão, pois demonstra o enraizamento sócio- cultural daquela comunidade.

Os estudos sociolinguísticos demonstraram, em geral, que a mudança em progresso, a remodelação contínua da língua parece ser alavancada principalmente pelos grupos sociais de classe média, pelos mais jovens e pelas mulheres. No entanto, diante das constatações de mudança linguística, surge um impasse: como acontece a mudança? Como se dá a motivação social? Por que uma forma pode ser escolhida em detrimento de outra?



Weinreich, Labov e Herzog propuseram, em 1968, cinco problemas a serem resolvidos pela teoria da mudança linguística:

1. Os fatores condicionantes- as mudanças possíveis, os fatores circunstanciais e a direção da mudança.
2. A transição- o percurso da mudança.
3. O encaixamento- a relação entre a mudança e o sistema da língua.
4. A avaliação- o julgamento da mudança pelos membros da comunidade de fala.
5. A implementação- o lugar e o tempo de cada mudança.

LABOV (1982) diz que o problema da implementação de uma mudança, isto é, a questão de por que uma mudança é iniciada ou implementada numa época e num lugar determinado e não em outros, é dos mais difíceis da linguística histórica.

O modelo neogramático já havia levantado alguns desses questionamentos ao introduzir o estudo dos “resíduos” da história das línguas e destacando as “leis fonéticas”. A difusão lexical, proposta antagônica à neogramática, também enfrenta tais problemas, fundamentando-se no “item lexical” como fator implementador da mudança. A influência que o item detém sobre o julgamento do avaliador, como veremos nos resultados desta pesquisa, faz necessária a descrição das propostas que o analisam ou não, abaixo veremos os principais pontos dessas correntes.

### **2.3 PROPOSTA DO MOVIMENTO NEOGRAMÁTICO**

O manifesto neogramático propôs leis fonéticas. As regras afetam os sons “em cadeia”, como um dominó. Se houve a mudança  $A \rightarrow B / \_\_C$  em uma palavra, todas as outras palavras com o mesmo ambiente favorável ( $B / \_\_C$ ) irão apresentar a mesma mudança ( $A \rightarrow B$ ). Nesse modelo a mudança nas línguas é um fenômeno regular, previsível. A essência do manifesto neogramático se assemelha ao caráter de propostas apresentadas na mesma época, por outras áreas de conhecimento, como a biologia, geologia, etc. Para os neogramáticos, questões vinculadas a outros níveis gramaticais além da fonologia não são consideradas.

A frase que resume a principal idéia neogramática é: “as mudanças sonoras são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas”. As exceções são justificadas pelo empréstimo e pela analogia.

Enfim, o princípio neogramático pressupõe uma mudança foneticamente motivada de uma classe completa de sons, afetando todas as palavras em que o som ocorre, ao mesmo tempo. O caráter categórico da proposta neogramática desencadeou diversas polêmicas, dentre as quais se destaca a que envolve o modelo da difusão lexical.

## 2.4 DIFUSÃO LEXICAL

O modelo da difusão lexical surge dos questionamentos inerentes à regularidade da mudança lingüística, e da constatação de que o item lexical é um dos fatores implementadores da mudança.

Esse modelo propõe que a mudança sonora é foneticamente abrupta e lexicalmente gradual, o que contraria o modelo neogramático, o qual destaca as leis fonéticas e pressupõe que uma mudança linguística é foneticamente motivada e que afeta todas as palavras em que aquele som ocorre. Na perspectiva da difusão lexical é a palavra que muda. As mudanças podem atingir todas as palavras com o mesmo contexto ou não. Segundo LABOV (1994), o argumento mais famoso sobre teorias linguísticas é certamente a controvérsia sobre os princípios neogramáticos de mudança linguística. Os neogramáticos defendem que a unidade básica da mudança é o som. A visão contrária, a difusão lexical, defende que a unidade básica da mudança é a palavra.

O modelo da difusão lexical foi proposto por Chen e Wang (1975); para eles a mudança sonora se implementa lexicalmente. OLIVEIRA (1995) assume que cada som é uma mudança em potencial, pelas suas propriedades individuais; uma vez concretizada a mudança, ela se implementará lexicalmente.

“Assim, continuaremos dizendo que o léxico controla as mudanças sonoras, abrindo ou fechando as portas à sua implementação, ou acelerando x retardando a sua implementação.”  
(OLIVEIRA, 1995).

Algumas mudanças sonoras não podem ser explicadas por condicionamento fonético, como mostra a comparação entre: *vistido* e *vestibular*. As palavras apresentam ambientes fonológicos idênticos, no entanto, apenas *vistido* sofre alçamento da vogal. Isso demonstra que outro fator pode estar influenciando a mudança e encontra-se provavelmente no léxico.

Uma evidência contra o modelo neogramático é o fato de que as crianças dão formas infantis à algumas estruturas aprendidas e, essas formas se fixam em determinados itens por maiores períodos de tempo, não existindo para todos os itens com um contexto específico.

De acordo com a hipótese difusionista, em uma mudança  $A \rightarrow B$ , na qual A e B são consideradas categorias lexicais, somente alguns membros de A transformam-se em B em dado momento. Existe um estado de flutuação entre as formas antigas e inovadoras. Assim sendo, as palavras não obedecem a uma regularidade no tempo e na forma, até que se implementem certas mudanças e ainda subsistam certos “resíduos”, sendo assim explicada a existência das exceções.

Essa flutuação demonstra que a mudança é consentida pelo léxico. Segundo OLIVEIRA (1992:36) “*cada dialeto terá sua própria lista de itens atingidos, independentemente do contexto fonético. Estas listas poderão não só ter tamanhos diferentes, mas conterão, também, elementos diferentes*”. O autor orienta, ainda, que a pesquisa sociolinguística deve levar em consideração o comportamento individual dos informantes para cada item lexical, pois o fator individual pode influenciar na composição de tais listas de itens atingidos pela variação ou mudança linguística.

O estudo do movimento neogramático, assim como da proposta difusionista promovem o conhecimento da influência da estrutura interna, o relacionamento entre os fonemas e do comportamento específico de itens no direcionamento das variações e mudanças linguísticas. Tais fatores serão importantes para o entendimento dos resultados desta pesquisa como veremos a seguir na seção 4: ANÁLISE DOS RESULTADOS.

Sobre o uso dos itens por diferentes classes sociais, MADUREIRA (1987) comprovou que a vocalização do /lh/, apresenta-se em um grupo específico de palavras entre os falantes das classes mais baixas de Belo Horizonte, no entanto, mesmo para os falantes das classes de maior poder aquisitivo, a vocalização pode aparecer nas mesmas palavras encontradas entre

os falantes das classes mais baixas, demonstrando não se tratar de variações de estilo exatamente, mas da conotação dos itens em certos estilos de fala. O uso da variação pode estar atrelado ao sentido que se deseja para a mensagem.

Alguns fatores constituem barreiras lexicais para as mudanças. E segundo OLIVEIRA (1991:10) “ *Há três fatores, pelo menos, que podem inibir as mudanças sonoras: nomes próprios, reação contrária por parte de uma classe social e estilos de fala formais. Os nomes próprios talvez constituam o caso mais claro. É fato bem conhecido que os nomes de pessoas, cidades, rios, montanhas, etc, podem preservar uma forma antiga e resistir a uma mudança*”.

BYBEE (1995) considera três tipos de estocagem e processamento fonológico: o processamento dual (morfologia regular e irregular são estocadas diferentemente); o modelo connexionista (as flexões são tratadas da mesma maneira) e o modelo de rede (associações feitas entre palavras relacionadas em representação lexical). BYBEE conclui que os itens com formas irregulares, geralmente, sofrem nivelamento analógico, tornando-se regulares. No entanto, se tais itens forem muito frequentes, há uma espécie de proteção, imunidade à mudança. BYBEE determina a distinção entre *type frequency* e *token frequency*. A primeira seria a frequência de um determinado padrão na língua (ex: feminino representado por –a) e a segunda seria a frequência concreta de um item específico dentro da fala de um indivíduo.

“É certamente possível que a maneira como a língua é usada afete a maneira como ela é representada cognitivamente e, então, a maneira como é estruturada”  
BYBEE (2001: 5).<sup>4</sup>

PHILLIPS (1984) defende que as mudanças que afetam as palavras mais frequentes, em primeiro lugar, estão ligadas à fisiologia da fala. Os mecanismos de articulação da fala (redução vocálica e apagamento) e as mudanças que afetam as palavras menos frequentes em primeiro lugar estão relacionadas a fatores não fisiológicos. PHILLIPS menciona que a análise da mudança linguística deve se basear em fatores tipológicos, motivações fonéticas e classe de palavras. Ela propõe que os falantes, provavelmente, tenham acesso cognitivo inicialmente à classe de palavras e depois à estrutura fonológica. Prova disso, seria a maior dificuldade

---

<sup>4</sup> (BYBEE, 2001) “It is certainly possible that the way language is used affects the way it is represented cognitively, and thus the way it is structured”.

apresentada por pessoas que sofreram danos na linguagem em recuperar as formas fonológicas.

O cancelamento do /R/ final, é objeto de estudo de diversas pesquisas sociolinguísticas, que investigam o condicionamento da variação e a implementação da mudança.

## 2.5. REVISÃO DE ESTUDOS A RESPEITO DO /R/

O fonema /R/, arqifonema, é uma consoante fricativa com ponto articulatório variável. CALLOU, *et al* (1990:104) *apud* VIOLA (2006) mencionam “que os romanos consideravam o /R/ “*littera canina*”. A consoante se assemelha ao som produzido pelo cão.

O /R/ em posição final de vocábulo é tratado como variável sociolinguística que exhibe mais variantes. No Rio de Janeiro, por exemplo, ilustram-se seis variantes, entre as quais o zero fonético, segundo CALLOU, *et al* (1998):

<i>R</i>	
vibrante alveolar	(alv. tr.)
vibrante uvular	(uv. tr.)
fricativa velar	(vel. fric.)
fricativa glotal	(asp.)
tepe alveolar	(tepe)
apagamento	(apag.)

Quadro 2: Tabela retirada de CALLOU, *et al* (1998)

OLIVEIRA (2001) ressalta que a convivência de variantes do /R/ parece seguir uma hierarquia, na qual se identifica uma escala de simplificação, caracterizada pelo enfraquecimento contínuo até o desaparecimento.

“Poderíamos dentro do processo de simplificação da sílaba caracterizar várias etapas de mudança do R em posição final: r, R, x, h, ø”.  
(CALLOU, 1979:145 *in* OLIVEIRA, MARILUCIA B.(2001)).

O /R/, de acordo com esses estudos, sofre um processo de posteriorização. Tal fator contribui para a consideração do condicionamento fonético como ponto importante na

sustentação da variação. Ainda segundo OLIVEIRA <sup>5</sup>(2001) o /R/ pós-vocálico sofre um processo de vocalização, na região do sul de Minas e norte de São Paulo. Tal autora cita MELO (1981): *“é muito fácil passar-se desse -r ao -i semivogal e quase velar que se ouve, quando se dá a vocalização: barba e baiba, carne e caine”*. CRISTÓFARO (1999) apud OLIVEIRA (2001) apresenta o /h/ (glotal) como a principal variante existente em Belo Horizonte.

De acordo com CALLOU, *et al* <sup>6</sup>(2002), a fricativa glotal surda é predominante em muitos dialetos e quase sempre ocorre um processo de enfraquecimento (relaxamento da articulação) em direção ao desaparecimento. Esse processo é representado pelo que se denomina debucalização (perda do nódulo de ponto, como um todo), na fonologia gerativa.

Historicamente, o fenômeno do apagamento do /R/ ocorreu em outros idiomas como no francês onde *“desapareceu quase todo /r/ em final de palavra, permanecendo somente em monossílabos –Ex: “noir”, “air”* de acordo com REIS e BATTI (2006). No catalão, assim como no francês, o apagamento do /R/ final é praticamente categórico. No espanhol, o /R/ desapareceu em algumas palavras como *ayer, caer*, em algumas regiões de Sevilha, Córdoba, Huelva, Cadiz e Málaga. Talvez esse fenômeno seja característica das línguas românicas, de acordo com REIS e BATTI (2006).

O apagamento do /R/, historicamente, foi considerado próprio de classes sociais desprivilegiadas. *“O apagamento do /R/ em posição de coda, em final de palavras é um fenômeno antigo no português do Brasil. O processo, em seu início, foi considerado uma característica dos falares incultos e no séc. XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos”* (CALLOU, *et al*(1998)).

O apagamento de uma consoante final produz a terminação em vogal, o que é extremamente “confortável” para uma língua como o português, em que a estrutura básica da sílaba é CV. Ex: *fa(zer)→fa(zê)* ou *am(or)→a(mô)*. Segundo CALLOU, *et al* (1998), *“o apagamento do /R/ está em um processo final de enfraquecimento que leva à simplificação silábica.”* Do ponto de vista estrutural, o /R/ final tende a ser suprimido por se tratar de uma consoante fraca, localizado em posição frágil. Após seu apagamento, a vogal que o precede sofre um alongamento.

---

<sup>5</sup> MARILUCIA B.

<sup>6</sup> apud ABAURRE e SANDALO

Segundo BELINE (2005:131), “os falantes podem apagar o /r/ em final de sílaba de modo variável. Podemos ter falantes que apagam mais o /r/ nos verbos em forma infinitiva e falantes que o apagam também consideravelmente em substantivos, como ‘colhé’ e ‘senhô’. Estamos falando de contextos linguísticos relacionados à aplicação de uma regra: a regra do apagamento do /r/ final no Português Brasileiro (PB). Trata-se de uma regra variável, na medida em que é aplicada ou não, conforme fatores linguísticos, tais como classe de palavras (o –r está num verbo infinitivo ou num substantivo), e também conforme fatores extralinguísticos, tais como idade e nível econômico do falante.”

Para VIOLA (2006:6) “ao se investigar o uso das variantes de /r/ em relação à expressão das emoções e atitudes, pode-se perceber que na fala do sujeito apareceram diversas variações que se realizaram em diversos espaços articulatórios”. A pesquisa dessa autora, em que se observa o fator estilístico das variantes do /R/ nos enunciados de uma peça teatral, revela que a fricativa glotal que desaparece ou se enfraquece está ligada ao sentimento de tristeza na fala.

Também a avaliação social das variantes é digna de nota. Na figura seguinte, uma tira de Maurício de Sousa, pode-se inferir ideias sobre o “tratamento social” dado ao cancelamento do /R/ final em verbos e nominais. Como se vê, atribui-se à ausência do /R/ ou variante zero aos falantes caipiras ou de baixa escolaridade. Ressalta-se que grande parte da clientela infantil é leitora desse material.



Figura 4: Tira- quadrinhos de Maurício de Sousa

O trabalho de CALLOU, *et al* (1998) retrata o fenômeno do apagamento no dialeto carioca, através de um estudo que contrasta dados de tempo real e de tempo aparente, com o objetivo de avaliar o comportamento da variação (perda do segmento ou sua recuperação).

A pesquisa apresentou dados em estudo de painel, estudo de tendência (*panel study, trend study*) e tempo aparente, conforme a metodologia proposta por LABOV (1994). A comparação entre os dados do estudo em tempo real (estudo de painel e estudo de tendência) e dados do estudo em tempo aparente constitui-se em método facilitador para a análise das variações enquanto mudanças ou variações estáveis. O estudo de painel é a análise de dados coletados com os mesmos informantes, em dois momentos diferentes, em curto ou médio prazo; o estudo de tendência é a análise de dados coletados dentro da mesma comunidade de fala, também em dois momentos distintos. O estudo em tempo aparente analisa dados coletados no mesmo momento, mas considera faixas etárias diferentes. Esse estudo considera que os informantes mais velhos retratam o falar mais antigo e os informantes mais jovens são responsáveis pelas inovações.

No decorrer desse trabalho, as autoras ainda consideraram parâmetros sociais como gênero e variáveis, levando em conta as classes de palavras - verbos/não verbos - pois se identificou um comportamento completamente distinto entre elas. Concluíram que o apagamento do /R/ é uma variação estável sem marcas de classe social.

Vale ressaltar que esse estudo avaliou apenas os itens com /R/ final, o que não quer dizer que palavras com /R/ em posição medial não possam apresentar seu apagamento, como já relatado em trabalho anterior dessas autoras, como veremos a seguir.

Em CALLOU, *et al*(1996) o /R/ descreve-se como uma consoante com grande amplitude articulatória, tanto na dimensão vertical como horizontal, isto é, o fonema pode ser produzido de diversas formas e é passível de muitas variações fonológicas. Nesse trabalho, as autoras pretendem estabelecer uma delimitação de áreas dialetais, com base na distribuição das variantes do /R/ entre as capitais: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Além disso, observam as variações existentes nas gradações etárias e entre gêneros. A análise dos dados de distribuição geral do /R/, nas cinco capitais, apontou para um sensível aumento de apagamento em posição final (37%) em relação à posição interna (3%). Vejamos a análise por região:



Em Porto Alegre, o /R/ medial apresentou-se com a seguinte distribuição: 83%- vibrante simples; 7%- retroflexa; 4%- queda; 2%- vibrante múltipla; 3%- fricativa velar; 1%- aspirada.

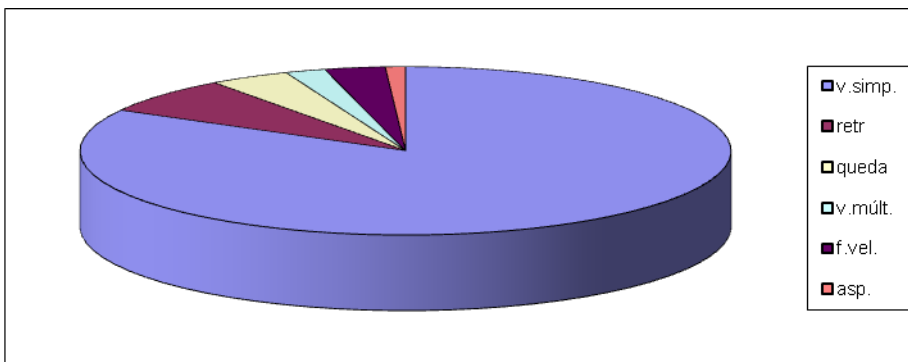


Gráfico1: criado a partir dos dados da pesquisa de CALLOU, *et al* (1996)

Ainda em Porto Alegre, o /R/ final apresentou-se com a seguinte distribuição: 57%- vibrante simples; 37%- queda; 3%- retroflexa; 2%- vibrante múltipla; 1%- fricativa velar.

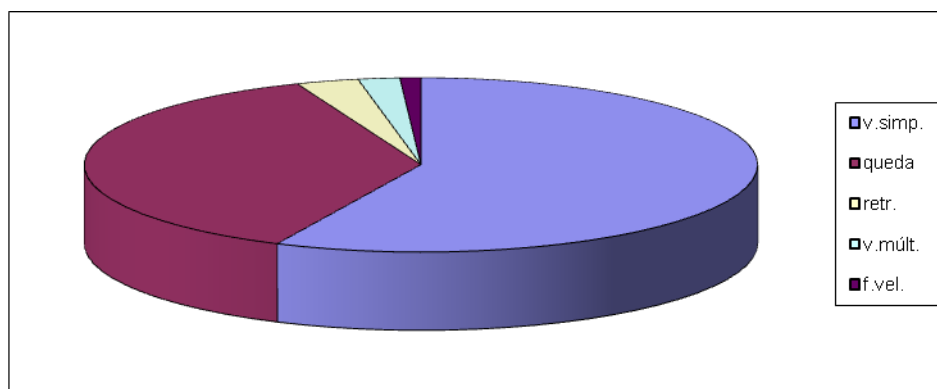


Gráfico2: criado a partir dos dados da pesquisa de CALLOU, *et al* (1996)

A porcentagem de queda do /R/ medial, apesar de ser muito menor que a porcentagem de queda do /R/ final, é, mesmo assim, a terceira variante mais usada em Porto Alegre, o que nos chama a atenção. As autoras referem-se à variante zero na posição medial como uma forma inovadora, em fase inicial. *Iniciaremos, assim, pelo exame das variações encontradas nas sílabas internas dos vocábulos, dos falantes de POA [Porto Alegre] e SP [São Paulo]. São esses os dialetos mais conservadores, e, a sílaba interna, a posição em que a mudança está ainda em fase inicial, o que se atesta pela baixíssima frequência de fricativas velares, aspiradas e zero [variações mais fracas na escala].*(CALLOU, *et al*, 1996:484 ).

A análise do dialeto de São Paulo demonstra que é possível queimar etapas da escalaridade; o desenvolvimento da mudança pode ser de modo abrupto.

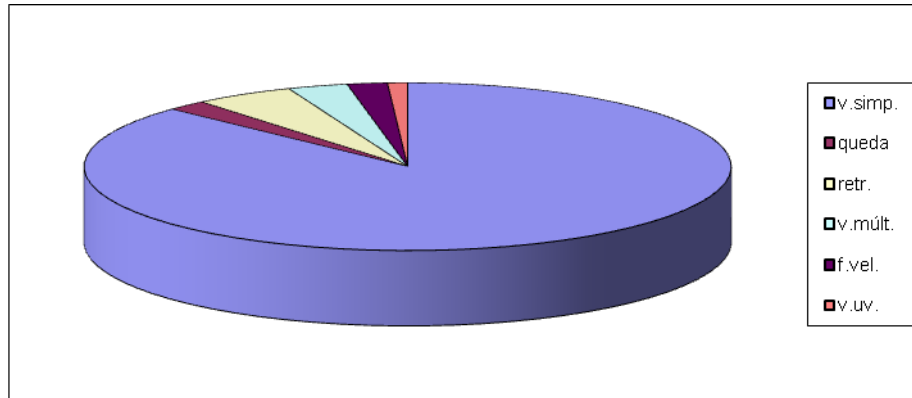


Gráfico 3: O /R/ medial em São Paulo

Nesse dialeto, há predominância da vibrante simples (87%) e a observação aponta uma evidência de que é possível queimar duas etapas: em sílaba interna, há a queda (2%) e não há aspiração, que, caso se aplicasse a escala, deveria aparecer com maior porcentagem que a queda. Segundo CALLOU, *et al* (1996) quando a mudança está no início é mais provável que se encontrem evidências concretas dos caminhos que estão sendo seguidos na implementação do processo. A partir desse relato, salienta-se a importância de estudos sobre o cancelamento do /R/ medial.

Diante de todas as análises dos dialetos das cinco capitais, as autoras concluem que os condicionamentos para as diferentes realizações do /R/ são tanto fonológicos, como morfológicos e sociais.

OLIVEIRA (2001) avaliou a manutenção/apagamento do /R/ na cidade de Itaituba no estado do Pará. A autora faz uma retomada de aspectos históricos desse fenômeno em países de língua românica e de influências afro-indígenas, mas concluiu que o apagamento do /R/ deve ser atribuído à posição delicada do fonema. Sua pesquisa, elaborada sob os pressupostos labovianos da sociolinguística, foi realizada com coleta de entrevistas e análise de dados, os quais apontaram para o uso predominante das formas [h] (forma que precede o apagamento) e [Ø] (apagamento). O condicionamento da variação foi avaliado sob as perspectivas seguintes:

dimensão e tonicidade do vocábulo, classe de palavra, vogal precedente, contexto seguinte (vogal, consoante, pausa), ponto de articulação da consoante seguinte, vogal seguinte, modo de articulação da consoante seguinte e fatores sociais (sexo, escolaridade, renda e idade). Após o cruzamento de dados pelo programa computacional VARB2000 concluiu-se que fatores linguísticos, como classes de palavras, influenciam fortemente o apagamento e que todos os fatores sociais atuam no apagamento do /R/, embora o processo não seja específico de classes sociais desfavorecidas ou menos escolarizadas. Os resultados apontam para uma tendência ao apagamento do fonema. Esse trabalho sugere, como desdobramento futuro, o estudo da influência de fatores supra-segmentais na análise acústica, estudo da ressilabação, inclusão das atitudes linguísticas.

O artigo de BATTI e REIS (2006) lida com o apagamento do /R/ final em verbos por crianças em fase final de aquisição de linguagem. A pesquisa é moldada sobre a teoria da sociolinguística variacionista de Labov e realizada através de um estudo longitudinal (acompanhamento durante 19 meses) com crianças de dois e de quatro anos. As autoras ressaltam a necessidade de trabalhos sociolinguísticos com crianças, devido à presente escassez.

“(...) do que nós temos conhecimento sobre o fenômeno em questão, não há pesquisa com informantes no período final de aquisição da linguagem, ou seja, com crianças na faixa etária de 2 a 7 anos. Em crianças, somente Matos Lima (1992) contou com informantes com idade a partir de sete anos”.  
(BATTI e REIS, 2006: 10).

O trabalho controlou as seguintes variáveis: categoria gramatical, contexto linguístico precedente, contexto linguístico seguinte, terminação da palavra, dimensão do vocábulo, acento lexical, subclasse do substantivo, classificação do modo verbal e da forma do verbo (simples e perifrástica). Os fatores extralinguísticos foram sexo, idade e escolaridade, sendo que estas últimas não se mostraram significativas no grupo.

A pesquisa dessas autoras conclui que as crianças (informantes) exibem uso praticamente categórico do apagamento do /R/ em formas verbais, fato que aponta para a perda do efeito morfossintático do /R/ final na categoria verbal. No entanto, ressalta-se que tal pesquisa foi realizada com número restrito de informantes.

O artigo de ALENCAR (2006) demonstra que: “a realização do r em posição de coda em final de palavra no dialeto fortalezense corresponde ao descrito por CALLOU (1996) relativo à Recife, em que a variação do r se dá entre [h] e [Ø], tanto na posição interna (medial) como externa (final)”.

OLIVEIRA (1981), anuncia um forte condicionamento estilístico para a variável /R/, isto é, no apagamento ou na manutenção do /R/ em verbos (querer, amar), em posição final em nomes (amor) e em posição interna em nomes, travando sílaba (marcha).

O cancelamento do /R/ final em verbos é considerado para OLIVEIRA (1997), um processo quase categórico. *Em outras palavras, é como se o (r) final não mais existisse nos verbos*, OLIVEIRA, (1997: 40). O autor menciona o cancelamento do /R/ medial nesse trabalho, mas os dados para a análise desse cancelamento interno não foram aproveitados, uma vez que a palavra “porque” → “puquê” liderou a frequência dos itens na amostra reduzida e essa palavra possui composição morfológica ambígua (porque ou por que). OLIVEIRA postula que o cancelamento do /R/ medial apresenta caráter de fenômeno incipiente. Diante desses fatores, tal trabalho se ocupou do cancelamento do /R/ final em nominais, sendo esse, um fenômeno fonológico nem incipiente, nem terminal.

OLIVEIRA manteve os grupos de fatores clássicos (faixa etária, sexo e classe social) utilizados no trabalho de 1978, promovendo rodadas do programa VARBRUL para análise dos grupos em separado. Houve introdução de um grupo de fatores para as palavras individuais (as palavras foram divididas em blocos). Além disso, outros condicionadores foram testados como: estilo de fala, tonicidade da sílaba final, vogal precedente, classe de palavra e o contexto fonético seguinte.

A reanálise aponta fatores interessantes: o cancelamento do /R/ parece estar se implementando lexicalmente; as palavras mais frequentes não são necessariamente as mais atingidas nesse processo fonológico; os fatores mais significativos, apontados pelo programa, são: informante, estilo de fala e palavra; existe um comportamento de grupo, mas, o indivíduo possui papel próprio, os indivíduos não precisam ter as mesmas listas de palavras que sofrem ou não a aplicação de uma “regra”. O indivíduo pertencente a um grupo social pode apresentar comportamento linguístico distinto do grupo.

OLIVEIRA conclui que não há como explicar as diversas escolhas feitas pelos falantes nas listas de palavras; os indivíduos não são meros reprodutores do comportamento dos grupos (pessoas do mesmo grupo podem apresentar comportamentos distintos); todos os cálculos apontaram o fator indivíduo e o grupo social como controladores da mudança.

HUBACK (2003) analisando o cancelamento do /R/ final em nominais em Belo Horizonte menciona as teorias de Phillips e de Bybee na tentativa de explicar a variação existente. A pesquisa sociolinguística de HUBACK considera os fatores internos: ambiente seguinte, vogal precedente, número de sílabas, estrutura morfológica, acento, classe de palavra. Os fatores externos considerados são: faixa etária, classe social, estilo, sexo e escolaridade. Além disso, foi feita uma classificação dos itens para compor dados sobre o efeito da frequência.

Os resultados indicaram que o cancelamento do /R/ não está sendo determinado por condicionamento fonético; nem todos os itens estão sendo afetados ao mesmo tempo pela mudança. Há indícios de que os sufixos *-dor* e *-tor* estão liderando o processo. O fator faixa etária não foi selecionado pelo programa GOLDVARB. O comportamento de fala pode estar ligado a fatores individuais. Dessa forma, os fatores sexo, classe social e frequência não são significativos no apagamento do /R/.

Estudos futuros a respeito do cancelamento do /R/ em posição medial podem nos revelar dados muito interessantes sobre a variação ou a implementação da mudança linguística, uma vez que, tal variação não se encontra tão bem concretizada, podendo ser analisada durante o processo de implementação.

O fenômeno do cancelamento do /R/ em coda medial pode encontrar explicação na condição estrutural da palavra em alguns estudos, como o estudo de HORA E MONARETO (2003) - "Enfraquecimento e apagamento dos róticos", que descrevem o fenômeno através da *geometria de traços*. HERNANDORENA (1996) menciona CLEMENTES E HUME (1995) como os preponentes no uso desse modelo, o qual representa a hierarquia entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser manipulados isoladamente como em conjuntos solidários. Tal configuração hierárquica é representada por um diagrama arbóreo, como este representado abaixo:

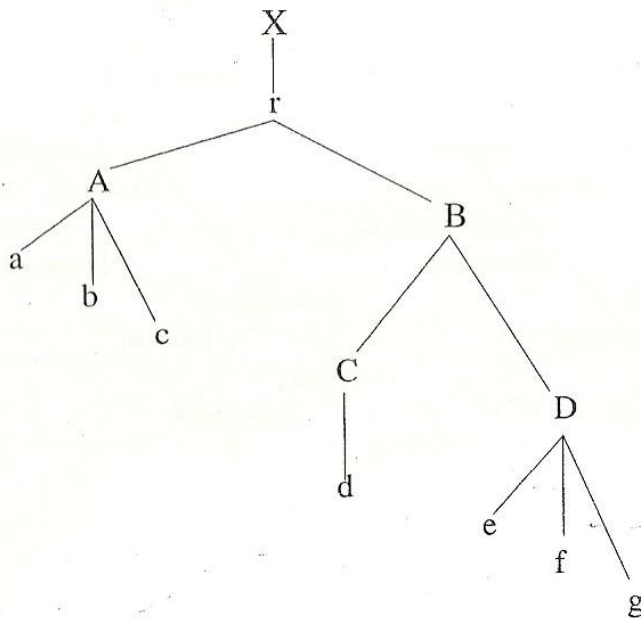


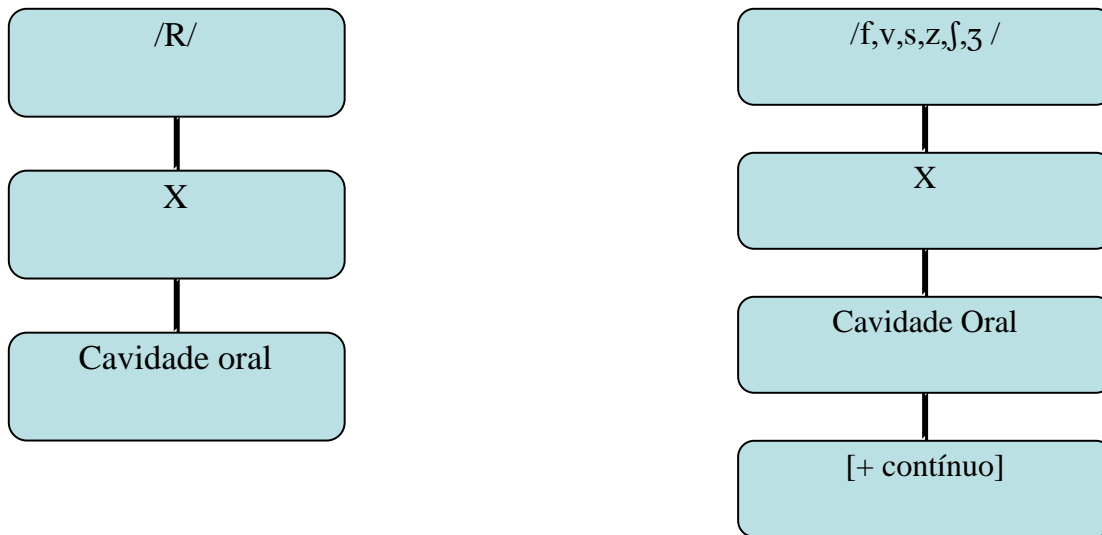
FIGURA 5: Diagrama arbóreo retirado de HERNANDORENA (1996)

HERNANDORENA (1996) interpreta esse diagrama como: *O r (do qual emanam todos os galhos) representa o nó de raiz, que corresponde ao segmento propriamente dito. Os nós A,B,C,D representa nós de classe, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós C e D são irmãos e ambos dependentes de B. Os nódulos terminais a, b, c, d, e, f, g são traços fonológicos. O nó de raiz (r) é dominado por uma unidade abstrata de tempo (X). Os nós são ligados por linhas de associação.*

HORA E MONARETO (2003) citam alguns autores que fazem referências estruturais ao apagamento do /R/, como JUCÁ-FILHO (1937), o qual afirma haver uma tendência ao apagamento de consoantes no final de sílaba diante de uma nasal. Os exemplos dados por ele são: *ca(r)naval, me(s)mo e ma(r)melada*. MARROQUIM (1945) relata a ocorrência do item “*supresa*” para surpresa. OLIVEIRA (1983) aponta o contexto fonológico seguinte : consoante labial, plosiva e vozeada como favorável ao apagamento do /R/ dentre os fatores linguísticos.

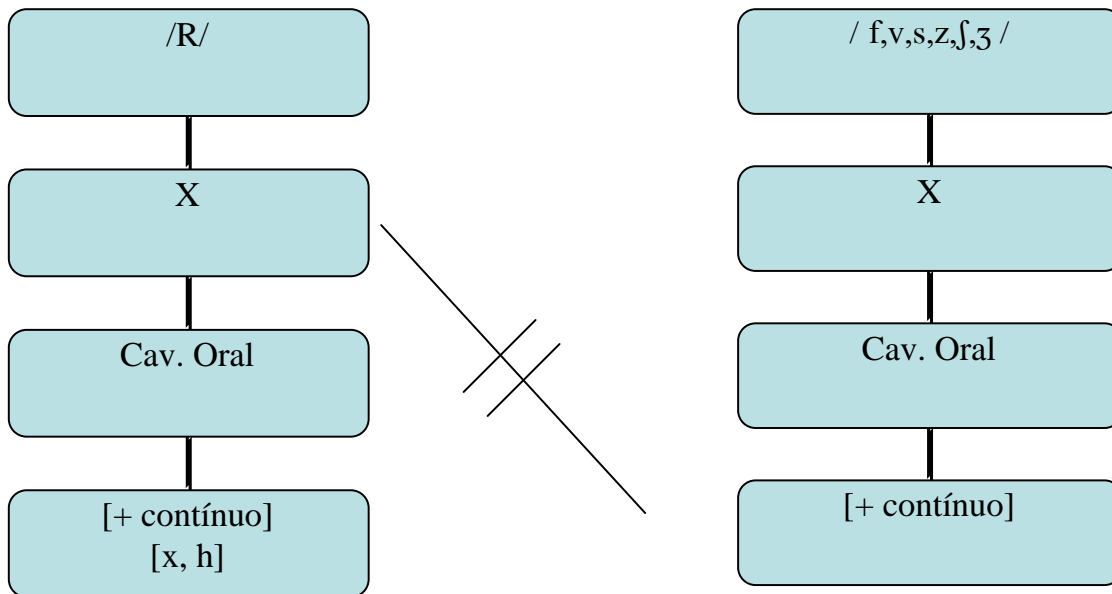
HORA E MONARETO (2003) no estudo “Enfraquecimento e apagamento dos róticos” analisam a queda do /R/ no falar pessoense e justificam o apagamento dessa consoante em posição de coda no interior da palavra diante de uma fricativa, ou seja, a variante zero fonético está condicionada mais positivamente ao contexto fonológico seguinte preenchido por uma fricativa. Apesar de os autores correlacionarem o apagamento do /R/ aos jovens do sexo

masculino com menor escolaridade, constataram que esse fenômeno linguístico está muito mais condicionado por variáveis estruturais do que por parâmetros sociais. Para esses autores, uma possível explicação pode ser oferecida pela fonologia autosegmental (Geometria de traços), a partir do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório). A *geometria de traços* dos segmentos que ocupam coda e onset no interior da palavra, ambos com traço [+ contínuo], favorece o apagamento de um desses traços. Veja-se o esquema que representa dois segmentos vizinhos abaixo:



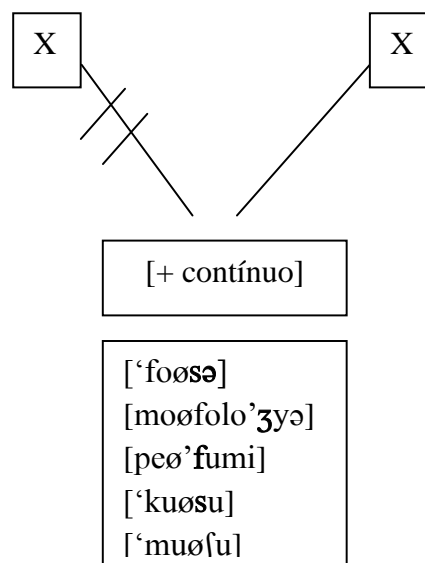
Organograma 1: Segmentos vizinhos para a geometria de traços

De acordo com a proposta do modelo da geometria de traços, “a presença de dois segmentos idênticos vai provocar a eliminação de um deles, resultando assim no apagamento do traço [+ contínuo] do primeiro, como no próximo esquema:



Organograma 2: Apagamento de segmento similar

A eliminação do segmento idêntico resulta em uma estrutura como esta ilustrada abaixo:



Organograma 3: Resultado do apagamento do /R/



HORA E MONARETO (2003) advertem ainda que o efeito da fricativa pode ser encontrado na história do português, como em “corsariu → cossário”, “ursu → osso”, etc. Quanto ao /R/ em posição final de palavra, os autores argumentam que essa posição por si só já favorece o apagamento. *“Algumas regularidades de distribuição e alternância na fonologia, tais como apagamento de consoante final, ocorrem repetidamente em línguas naturais e devem, portanto, ser consideradas universais”* (P.140).

### **CAPÍTULO 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

No objetivo de avaliar o grau de conhecimento a respeito dos fatos de variação linguística pelos fonoaudiólogos foram realizados três testes: 1) a avaliação da fala de crianças por um grupo de fonoaudiólogos, 2) o preenchimento de questionários por outro grupo de profissionais e 3) a análise de dados de avaliações previamente realizadas, já arquivadas.

A avaliação da fala de crianças constitui-se de análise perceptiva- auditiva de amostras de fala de crianças por um grupo de fonoaudiólogos. Tais amostras foram constituídas de produções linguísticas que ilustram o fenômeno em pauta, o apagamento do /R/, além de outros. Essa fase é de grande importância para a confirmação da hipótese, uma vez que representa uma situação aproximada do que ocorre habitualmente em consultório. Assim, pode permitir inferências sobre o julgamento de formas variantes no momento da avaliação fonoaudiológica.

O preenchimento de questionários pelos fonoaudiólogos configurou o segundo teste da pesquisa e foi realizado através da transcrição de formas nas quais havia o apagamento do /R/ e formas ditas distratoras, que camuflam o objeto de estudo. Os questionários propiciaram maior tempo de análise, para os fonoaudiólogos, o que abriu a possibilidade de reanálise dos “desvios” de fala apresentados. Esse processo configura outro tipo de julgamento, como veremos mais detidamente na descrição dos resultados dessa fase.

O terceiro teste constitui-se de análise de relatórios avaliativos de fala de crianças já arquivados. O objetivo dessa análise foi a confirmação dos dados apurados nas duas fases anteriores.

Apresenta-se, a seguir, a descrição dos procedimentos realizados em cada uma dessas etapas:

### **3.1 MATERIAL E MÉTODO DA AVALIAÇÃO DA FALA DE CRIANÇAS POR UM GRUPO DE FONOAUDIÓLOGOS**

Esta parte da pesquisa foi realizada através da escuta e avaliação dos profissionais sobre falas de crianças. As falas das crianças foram gravadas, a seguir, foram editadas, considerando o objeto deste estudo. Esses arquivos de som foram apresentados aos fonoaudiólogos, acompanhados de um protocolo no qual seria registrada a avaliação acerca das falas ouvidas.

#### **3.1.1 A MONTAGEM DO TESTE**

A montagem do teste iniciou-se com a seleção das crianças que teriam sua fala gravada. Optou-se por crianças que apresentavam problemas de fala (patologias), identificadas através da percepção de alterações realmente articulatórias, mesclados às variações fonológicas. A construção do teste procedeu-se então à gravação da fala dessas crianças em situações de avaliação, através de fala espontânea ou teste de fala (REALFA). Após a gravação, foi realizada a edição de arquivos digitais, através de *software* específico, tendo em vista os itens pré- definidos, para posterior análise do processo avaliativo utilizado pelo fonoaudiólogo.

##### **3.1.1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES**

Os informantes foram crianças na faixa de 6-9 anos de idade que apresentavam reais alterações de fala, de forma tal que as variantes linguísticas aparecessem ao lado dos desvios. A opção por essa faixa etária deve-se ao fato de que nessa fase as crianças já deveriam, em princípio, ter concluído a aquisição de todos os fonemas da língua, nessa idade, as crianças também apresentam maior desenvoltura na fala em comparação com crianças menores. As crianças, nascidas na região metropolitana, foram selecionadas para a entrevista no consultório fonoaudiológico ou através de triagens escolares. O grupo de informantes é composto por cinco crianças. As siglas que identificam cada criança dizem respeito às iniciais e à idade da criança.

### Perfil das crianças:

	<b>Idade</b>	<b>Origem</b>	<b>Sexo</b>	<b>Tipo de amostra</b>	<b>Alteração de fala</b>
	<b>Anos/Meses</b>	<b>Cidade/MG</b>	<b>Fem./Masc</b>		<b>Pres/Ausente</b>
<b>R61</b>	6 anos	Contagem	Fem	Teste REALFA	Presente
<b>R62<sup>7</sup></b>	6 anos	Contagem	Fem	Fala espontânea	Presente
<b>B6</b>	6 anos	Contagem	Fem	Teste REALFA	Presente
<b>M9</b>	9 anos	Contagem	Masc	Fala espontânea	Presente
<b>J6</b>	6 anos	Contagem	Fem	Teste REALFA	Presente
<b>D8</b>	8 anos	Contagem	Masc	Fala espontânea	Presente

Quadro 3: Perfil das crianças que tiveram a fala gravada

#### 3.1.1.2 A PREPARAÇÃO E A APRESENTAÇÃO DOS ARQUIVOS DE SOM

As gravações foram realizadas através de aparelho MP3 *player*, uma vez que não era necessária a análise minuciosa do espectro sonoro, cuja formatação tipo MP3 não permite. Esse mecanismo foi facilitador para a transposição das gravações para o computador e para envio ao grupo de fonoaudiólogos.

As crianças foram gravadas enquanto exploravam o material selecionado (gravuras, histórias, objetos, etc.) ou quando estavam em processo avaliativo para tratamento. Parte da avaliação tentou induzir a enunciação das formas-alvo. As formas pretendidas são aquelas que dizem respeito à variação manutenção/apagamento do /R/ (cancelamento do /R/ final em nominais e cancelamento do /R/ interno). A descrição da amostra de cada criança encontra-se no ANEXO 1.

<sup>7</sup> R61 e R62 referem-se às duas amostras da mesma criança.

As gravações foram analisadas através do programa Sony Sound Forge 8.0, que permite a edição das amostras para faixas de som menores e mais direcionadas para os objetivos da pesquisa e a criação de arquivos de som para *Windows* com extensão *WAV*. Dessa forma, o profissional poderia receber o arquivo via e-mail e não empregaria muito tempo para a análise, à qual poderia proceder em qualquer computador com *Windows*. A seguir apresenta-se uma imagem referente à tela do programa Sony Sound Forge 8.0, com o qual foi possível a edição do som e criação de arquivos tipo *WAV*.

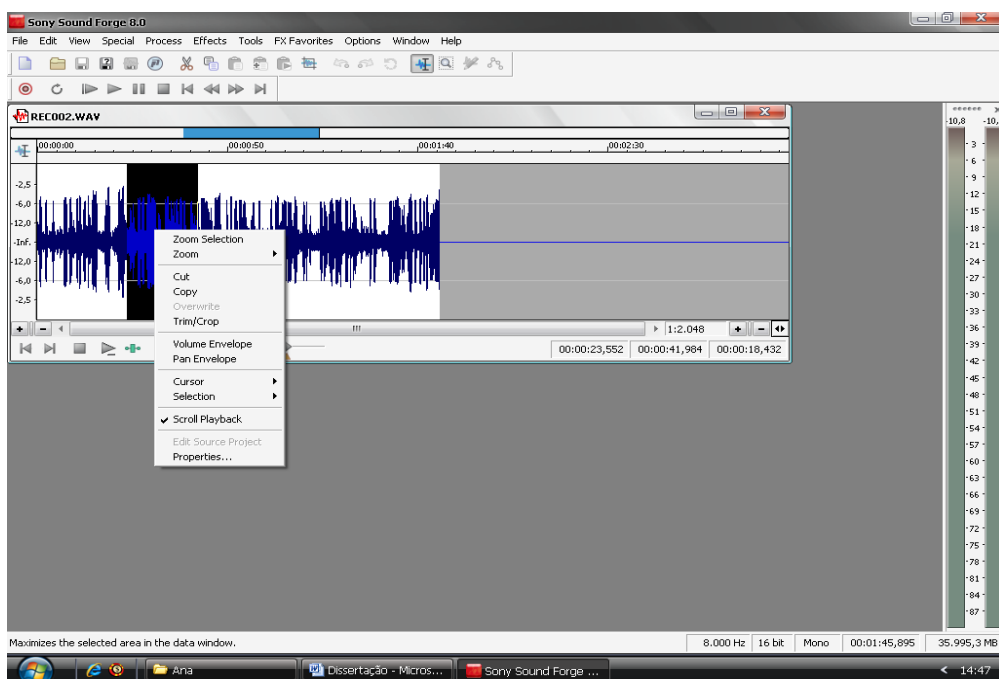


Figura 6: Tela do programa SONY SOUND FORGE 8.0 retratando o processo de edição das amostras de fala

As gravações de fala dessas crianças, após avaliação acústica computadorizada (SONY SOUND FORGE 8.0) foram recortadas em segmentos com sentido delimitado, sendo selecionados aqueles com melhor visualização e audibilidade da variante alvo (cancelamento do /R/) e das alterações articulatórias de fala, descartando-se segmentos que pudessem ter efeitos de ruído ou de “espraiamento” de outros fonemas.

Os recortes aproveitados foram alistados em três pastas de amostras acústicas. Inicialmente, uma pasta foi encaminhada para uma fonoaudióloga como forma de se testar a viabilidade do material. Identificadas e executadas as modificações necessárias, as novas pastas foram encaminhadas para treze fonoaudiólogos via e-mail ou pessoalmente, em visita

aos consultórios, ocasião na qual se solicitou a análise e as anotações referentes às correções fonoaudiológicas necessárias.

As amostras dirigidas para cada fonoaudiólogo sempre apresentavam uma amostra referente à resposta dada ao teste de fala (REALFA) e uma amostra de fala espontânea, com o objetivo de ampliar o espectro avaliativo.

### 3.1.1.3 A ESCOLHA DOS ITENS DA AMOSTRA DE FALA

As entrevistas foram analisadas acusticamente e, a seguir, editadas. A edição levou em consideração itens que continham a variante a ser estudada e itens distratores. Os itens escolhidos com a variante-alvo foram: *guarda-chuva*, pronunciado como [gədə'ʃuvə], *borboleta* [bobo'letə], *flor* ['fro], *Vitor* ['vitu], *jogar* [ʒo'ga], *urso* ['usu], *Jeferson* ['ʒɛfisɔ] e *jornal* [ʃo'naw].

A escolha dos itens levou em consideração o fato de o apagamento do /R/ já ser observado no vernáculo como em *guarda-chuva* [gʷədə'ʃuvə] e *jogar* [ʒo'ga]. Levou-se em conta na seleção dos itens que contêm a variável, o fonema seguinte, de forma a se poder contemplar na análise, a hipótese que se extrai da fonologia autossegmental (Geometria de traços), a partir do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório): segundo HORA E MONARETO (2003), o fonema seguinte que apresenta nó idêntico adjacente favorece o apagamento do /R/, como nos casos *urso* ['usu] e *Jeferson* ['ʒɛfisɔ].

Como já foi dito no capítulo 2, seção 2.5, HORA E MONARETO (2003) citam alguns autores que fazem referências estruturais ao apagamento do /R/: tal fenômeno, que ocorre no item *jornal* [ʃo'naw] da amostra aqui relacionada, pode ter relação com a variação fonológica citada por JUCÁ-FILHO (1937), que afirma haver uma tendência ao apagamento de consoantes no final de sílaba diante de uma nasal. Ainda na referência daqueles autores, MARROQUIM (1945) relata a ocorrência do item “*supresa*” para *surpresa* e OLIVEIRA (1983) aponta o contexto fonológico seguinte: consoante labial, plosiva e vozeada como favorável ao apagamento do /R/ dentre os fatores linguísticos, o que é encontrado no item *borboleta* [bobo'letə]. Além disso, o cancelamento do /R/ final em verbos é considerado para OLIVEIRA (1997), um processo quase categórico. “*Em outras palavras, é como se o (r) final não mais existisse nos verbos (Cf. Pontes, (1973), OLIVEIRA, (1997).* Tal autor também menciona o

apagamento do /R/ final em nomes, como em *amor* [a'mo]. Em conformidade com essas referências encontram-se os itens *jogar* [ʒo'ga], *flor* ['fro], *Vitor* ['vito].

Tais estudos foram analisados para a escolha dos itens utilizados nas amostras de fala submetidas à análise dos profissionais. Os itens escolhidos para apresentação à avaliação fonoaudiológica apresentam o apagamento do /R/, tanto final como medial, como variação linguística e não como desvio patológico. Para definir esses itens como variação, foi utilizada a observação do apagamento do /R/ no vernáculo de adultos e o embasamento nos estudos anteriormente citados. O apagamento do /R/ nos itens escolhidos encontra-se em contextos que são transmitidos da fala do adulto para a fala da criança, não configurando um problema articulatorio. Esses itens que apresentam variação diferenciam-se de itens que podem sofrer o apagamento patológico do fonema como, por exemplo, *martelo* [ma'telʊ] e *tartaruga* [ta'tarugə], apagamentos que não acontecem no vernáculo e não possuem descrição na literatura encontrada sobre o apagamento do /R/. O quadro abaixo descreve resumidamente as análises que justificam a consideração de apagamento do /R/ para os itens apresentados aos profissionais.

<b>Item</b>	<b>Análise estrutural</b>	<b>Análise da pesquisadora</b>
[gədə'ʃuyə]	Não há justificativa para o apagamento do /R/ nos estudos analisados.	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.
[bobo'letə]	/R/ seguido de plosiva Vozeada <sup>8</sup>	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.
[ 'fro]; [ 'vitu]; [ʒo'ga]	/R/ em final de palavra (nome e verbo)	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.
[ 'usu]; [ 'ʒɛfisʊ]	/R/ precede fricativa (geometria de traços)	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.
[ʃo'nəw]	/R/ precede nasal <sup>9</sup>	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.

Quadro 4: Justificativa para a escolha dos itens das amostras de fala

### 3.1. 2 A APLICAÇÃO DOS TESTES

#### 3.1. 2 .1 A ESCOLHA DOS AVALIADORES DAS AMOSTRAS DE FALA.

Os fonoaudiólogos que participaram desse estudo são profissionais já conhecidos pela idealizadora desta pesquisa ou outros indicados por esses. Um grande número de profissionais foi convidado a participar da pesquisa, no entanto, apesar da insistência, o número de participantes foi reduzido a treze fonoaudiólogos, que se dispuseram a receber a pesquisadora em seus consultórios ou gentilmente responderam a pesquisa via e-mail.

Cada fonoaudiólogo analisou duas amostras de fala. No quadro abaixo, os fonoaudiólogos são identificados por siglas; o quadro descreve também informações como tempo de atuação

<sup>8</sup> OLIVEIRA (1983)

<sup>9</sup> JUCÁ-FILHO (1937)

profissional e localização do trabalho. Quanto ao gênero, embora não propositalmente, todos os participantes foram do sexo feminino, já que a formação e a atuação profissional é, em geral, exercida por mulheres.

Descrição do quadro dos avaliadores:

Fonoaudiólogo	Tempo de atuação na área.	Região onde atua
<i>A. C.(teste)</i>	<i>1ano 6 meses</i>	<i>BH/ Contagem</i>
M .R.	6 meses	BH
G. M	6 meses	BH/ Contagem
R. L	3 meses	Contagem
V. M	6 meses	Contagem
M. S	1 ano 4 meses	BH/ Contagem
B. L	2 ano 6 meses	Contagem
E. G	6 ano 6 meses	Contagem
L. L	1 ano	BH
S. V	1 mês	Contagem
R. N	3 ano 7 meses	BH/ Contagem
M. C	2 anos	Contagem
M. L	7 meses	Contagem
L. R	6 meses	Contagem

Quadro 5: Descrição dos avaliadores das amostras de fala



Diante do quadro 5, pode-se perceber que as fonoaudiólogas que avaliaram as amostras de fala atuam em Belo Horizonte e região metropolitana e possuem tempo de formação de um mês a seis anos e meio.

### **3.1. 2. 2 AS AVALIAÇÕES DAS AMOSTRAS DE FALA**

As fonoaudiólogas ouviram os trechos das falas das crianças e avaliaram, através de sua percepção acústica, situação aproximada ao que ocorre no ambiente de trabalho real, anotaram suas análises em relação à fala das crianças e devolveram tais anotações para a pesquisadora.

As anotações feitas pelos profissionais deveriam conter a palavra, na qual a criança apresentou algum desvio, o fonema atingido e o tipo de alteração ocorrida. As anotações foram realizadas em folhas de resposta padronizadas, exposta no ANEXO 2.

## **3.2 MATERIAL E MÉTODO DA AVALIAÇÃO DA FALA PELA APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM AMOSTRAS TRANSCRITAS**

Esta parte da pesquisa foi realizada através de amostras transcritas em questionários para avaliação dos profissionais sobre falas de crianças.

### **3.2.1. A MONTAGEM DO TESTE**

O estudo da avaliação dos questionários com amostras transcritas é independente do estudo do julgamento das amostras de fala de crianças acima de seis anos, configurando-se como outro teste para a verificação da hipótese deste trabalho, ou seja, para comprovar se há realmente uma tendência em avaliar a variação como um desvio patológico na fala de crianças pelos profissionais fonoaudiólogos.

#### **3.2.1.1 A PREPARAÇÃO E A APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS**

O questionário foi montado através da idealização da fala de crianças, que supostamente poderiam procurar uma avaliação fonoaudiológica. Os itens foram transcritos segundo a

ortografia convencional, não houve uso de transcrição fonética para não comprometer a compreensão caso não houvesse o conhecimento da simbologia. O teste foi constituído de três grades, relacionadas a três crianças, nomeadas hipoteticamente como C.S.S, L.A.M, R.F.V. A primeira grade (C.S.S), foi construída de forma a ilustrar um maior número de problemas de fala, com vários desvios e trocas fonológicas em meio às variações, demonstrando uma fala muito mais comprometida. A segunda (L.A.M), apresentava-se como uma fala intermediária, na qual alguns problemas patológicos estão ao lado das variações, e a última (R.F.V), uma fala que apresentava somente variações linguísticas. A construção das três grades, com exibição de diferentes perfis linguísticos orientou-se pela hipótese de que os casos de variação linguística tenderiam a ser mais confundidos com desvios fonoaudiológicos, na fala da criança que exibe maior número de patologias. As cópias dessas grades não foram apresentadas necessariamente nessa ordem acima citada. Os itens- alvos, com o apagamento do R, apareceram mesclados aos itens- distratores. Os itens foram apresentados em uma coluna com a grafia convencional e em outra coluna, transcritos na representação da pronúncia idealizada. Essas grades continham também espaços reservados para o registro da avaliação, como ilustra o ANEXO 3.

### 3.2.1.2. A ESCOLHA DOS ITENS DOS QUESTIONÁRIOS

Os três questionários referentes às três crianças continham os mesmos itens, representando pronúncias diferenciadas. Os itens- alvos apresentados nos questionários foram: *guarda-chuva*, *marcha*, *flor* e a expressão *por favor*, que será mencionada como um item a ser avaliado. Esses itens foram selecionados tendo em vista alguns dos parâmetros usados na escolha dos itens da avaliação de fala. A escolha do item *guarda-chuva*, com pronúncia [gwədə'ʃuvə] levou em consideração o fato de o apagamento do /R/ já ser observado no vernáculo. Para o item: *marcha*, pronunciado como [maʃə], o apagamento do /R/ se justifica de acordo com os autores já mencionados, HORA E MONARETO (2003), através da fonologia autosegmental (geometria de traços), onde o traço [+contínuo] do /j/ faz com se apague o /R/ precedente. Para os itens: *flor*, pronunciado como ['fro]; *por favor*, como [pufə'vo] o apagamento do fonema se justifica tendo em vista o estudo de OLIVEIRA (1997), que comprovou a variante apagamento do /R/ final em nomes.

Assim como no teste anterior, os itens selecionados para este teste apresentam o apagamento do /R/ como variação linguística e foram definidos por meio da observação do apagamento do /R/ no vernáculo de adultos e dos estudos já citados. O quadro 6, a seguir, esclarece as justificativas para a escolha dos determinados itens:

<b>Item</b>	<b>Análise estrutural</b>	<b>Análise da pesquisadora</b>
[gwɔdɔ'fuyɔ]	Não há justificativa para o apagamento do /R/ nos estudos analisados.	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.
[maʃɔ]	/R/ precede fricativa (geometria de traços)	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.
[ˈfro] [pufɔ'vo]	/R/ em final de palavra (nomes)	O apagamento do /R/ ocorre frequentemente no vernáculo.

Quadro 6: Justificativa para a escolha dos itens do questionário

## **3.2. 2 A APLICAÇÃO DOS TESTES**

### **3.2.2.1 A ESCOLHA DOS AVALIADORES DOS QUESTIONÁRIOS**

Os dez fonoaudiólogos que participaram deste teste constituem um grupo distinto daquele que se submeteu ao primeiro teste, descrito na seção 3.1. Esse segundo grupo de fonoaudiólogos foi convidado a participar da pesquisa através de e-mail, no qual o questionário foi enviado em anexo. Outro grupo foi convidado, através da indicação de profissionais conhecidos, recebendo o material impresso. Todos os profissionais desse estudo atuam em Belo Horizonte e região metropolitana.

### **3.2.2.2 AS AVALIAÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS**

Os fonoaudiólogos deste estudo receberam as grades do questionário impressas, veja ANEXO 3 ou como arquivo de e-mail com uma folha de rosto, que apresentava as informações relativas à faixa etária das crianças e fornecia orientações relativas à forma pela qual o

questionário deveria ser respondido Após a análise dos profissionais, o questionário ou o arquivo virtual foi encaminhado para a autora da pesquisa. Os questionários estiveram sob análise por tempo indeterminado, estando assim, sob efeito de possíveis reavaliações.

### **3.3 MATERIAL E MÉTODO DA ANÁLISE DE AVALIAÇÕES ARQUIVADAS**

O terceiro teste constitui-se de exame de avaliações de arquivo para verificação da habilidade em lidar com fenômenos variáveis da língua.

#### **3.3.1 ARQUIVO ANALISADO**

Essa parte da pesquisa foi realizada através do estudo do arquivo de prontuários de um profissional, que permitiu esse uso. O profissional responsável por esse arquivo é do sexo feminino e acumulava sete anos de experiência profissional. O arquivo continha avaliações realizadas no período entre 2003 e 2009. Após o levantamento de todo o arquivo, aproximadamente cem casos, foram selecionados trinta e três prontuários, pois apenas esses se ofereciam avaliações de fala de crianças, para análise. Dentre esses prontuários, vinte e um casos apresentaram avaliações do apagamento do /R/ como omissão patológica do fonema. Todos os casos estavam na faixa etária de cinco a treze anos. Esses casos foram avaliados através do teste de nomeação: REALFA, já citado no capítulo 1 e utilizado também para a coleta das amostras de fala no primeiro teste deste trabalho.

O levantamento dos prontuários foi a última etapa da fase dos testes. Encerra-se então a descrição da metodologia utilizada para a coleta de dados dos três testes analisados e prossegue-se, no próximo capítulo, com a análise dos resultados obtidos.

## **CAPÍTULO 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Este capítulo apresenta os resultados obtidos através da aplicação dos três testes descritos no capítulo 3. O conjunto dessas análises permitirá que se avalie a hipótese proposta no

capítulo inicial deste trabalho. Os resultados serão descritos conforme o desenrolar da pesquisa e em conformidade com a apresentação da metodologia.

#### **4.1 RESULTADOS DO PRIMEIRO TESTE- AVALIAÇÃO DA FALA DE CRIANÇAS POR UM GRUPO DE FONOAUDIÓLOGOS**

As avaliações de fala, baseadas na escuta das gravações, tiveram por base os seguintes itens lexicais: *guarda-chuva, borboleta, flor, urso, jornal, Vitor, jogar e Jeferson*. Esses itens ilustram o apagamento do /R/, tanto final quanto medial, como variação lingüística, de acordo com a descrição da literatura relacionada no capítulo 2. Os quadros que correlacionam todas as avaliações obtidas estão no ANEXO 4.

##### **4.1.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DA FALA DE CRIANÇAS POR UM GRUPO DE FONOAUDIÓLOGOS**

A análise geral dos resultados das amostras de fala está descrita na tabela 1, onde se apresentam o número de avaliações totais para os itens, que interessam à análise, o número de avaliações como patologia e a porcentagem que esse número representa. O número total de avaliações refere-se às avaliações das ocorrências de cada item, realizadas pelos treze profissionais.

Tabela1: Análise geral dos resultados das amostras de fala

Número total de avaliações	Número de julgamentos como patologia	Porcentagem
43	23	53,48%

Através da tabela 1 pode-se concluir que a avaliação do apagamento do /R/ final e medial pelos fonoaudiólogos apresenta tendência ao julgamento como patologia do fenômeno. A partir dessa informação procede-se à análise da avaliação dos itens, já que, desde o início da pesquisa, constatou-se que os percentuais apresentavam grande variação, de acordo com os itens sob julgamento.

Vejam os, na tabela 2, como os resultados gerais das avaliações se distribuem pelos itens analisados. As palavras constituintes da tabela 2 a seguir estão transcritas de acordo com a avaliação da autora desta pesquisa. Essa tabela apresenta a correlação entre os itens apresentados e a avaliação dos profissionais. A tabela 2 apresenta os itens que interessam à análise, o número de ocorrência desses itens nas amostras de fala, a quantidade de avaliações realizadas sobre o item em específico, o número de avaliações como patologia de fala, assim como as avaliações neutras, ou seja, aquelas em que não houve julgamento como patologia de fala e, por fim, a porcentagem das avaliações que indicam patologia dentre as demais. O controle dessas avaliações neutras não foi possível, já que não seria desejável revelar ao profissional o real objetivo da pesquisa e influenciar as respostas obtidas; assim há de se fazer suposições a respeito da não citação do apagamento do fonema /R/. Deve-se ressaltar que nem todos os fonoaudiólogos avaliaram os mesmos itens, o que tornaria os dados mais uniformes, porém seria necessário maior tempo dedicado por parte dos profissionais à análise e isso dificultaria a coleta dos resultados. Os fonoaudiólogos M.S, V.M, R.L, G.M, M.R foram expostos a duas ocorrências de *guarda-chuva* [gədə'ʃuvə] e a uma ocorrência de *borboleta* [bobo'letə] (amostras R61 e R62), os fonoaudiólogos B.L, E.G, L.L, S.V foram expostos a uma ocorrência dos itens *borboleta* [bobo'letə], *flor* ['fro], *ursu* ['usu] (amostras B6 e D8) e os fonoaudiólogos R.N, M.C, M.L, L.R foram expostos a uma ocorrência de cada um dos itens: *jornal* [ʃo'nəw], *Vitor* ['vitu], *jogar* [ʒo'ga] e *Jeferson* ['ʒɛfisʊ] (amostras J6 e M9).

Tabela 2: Análise dos resultados por item das amostras de fala

Palavra	No de ocorrências	No de avaliações da ocorrência.	Número de avaliações como omissão do fonema /R/	Número de avaliações neutras	Porcentagem de aval. como fenômeno patológico
[gədə'ʃuvə]	2	10	10	0	100%
[bobo'letə]	2	9	7	2	78%
[ˈfro]	1	4	3	1	75%
[ˈusu]	1	4	2	2	50%
[ʃo'nəw]	1	4	1	3	25%
[ˈvɪtʊ]	1	4	1	3	25%
[ʒo'ga]	1	4	1	3	25%
[ˈʒɛfisʊ]	1	4	0	4	0%

A análise geral da tabela 2 revela que há forte tendência em considerar o apagamento do /R/ final e medial como alterações de fala, isto é como fenômeno patológico. A ausência do fonema é avaliada como fenômeno patológico por 100% dos profissionais, no caso do item *guarda-chuva* [gədə'ʃuvə]. Os itens *borboleta* [bobo'letə] e *flor* [ˈfro] recebem 78% e 75%, respectivamente, de avaliação como desvio de fala. A análise da avaliação desses itens, na maioria das vezes, se direciona para o apagamento patológico do /R/, o que pode ser justificado pelo desconhecimento da variação fonológica por parte dos profissionais avaliadores.

Em *ursu* [ˈusu] 50% dos profissionais apontam a alteração; o restante não registra alteração, talvez porque o prolongamento da primeira vogal ocupe o curto espaço de tempo deixado pelo /R/, de tal forma que o apagamento não é percebido.

No item *jornal* [ʃo'ɲɔw] um quarto dos profissionais refere-se ao apagamento como omissão de fonema, os demais fonoaudiólogos não fazem referência ao apagamento, provavelmente devido ao fato de a primeira alteração percebida - desonorização do /ʒ/ - despertar maior atenção. Pode-se também cogitar que houve aí o reconhecimento da variação. Tendo-se em conta o grau de consenso acerca dessa variação, a primeira hipótese é a mais provável.

O apagamento do /R/ final em nomes e verbos *Vitor* ['vitu], *jogar* [ʒo'ga], segundo a observação da tabela, parece ser mais aceito como variação, provavelmente por se mostrar bem estabelecido no vernáculo, conforme se viu nas resenhas apresentadas no capítulo 2. No entanto, a identificação de ausência do /R/ final pela maioria dos profissionais – 75% - na análise do item *flor* ['fro] demonstra uma provável intolerância à variação e classe social relacionada a essa variante. A saliência do rotacismo pode influenciar a avaliação patológica do apagamento do /R/, o que parece demonstrar que o fonoaudiólogo considera mais detidamente todos os fatos articulatórios quando é exposto a um tipo de fala que julga mais “discrepante”. O segundo teste será útil à verificação dessa hipótese.

É interessante notar que o apagamento do /R/ medial não foi observado pelos profissionais no item *Jeferson* ['ʒɛfisɔ]. Tal item foi apresentado como o primeiro na amostra, o que pode ter determinado que os profissionais não tenham dedicado a devida atenção à escuta desse item ou não tenham relacionado ao nome “*Jeferson*”. Outra possibilidade é que tenham levado em conta o fenômeno da variação do /R/ medial. Trata-se de uma hipótese frágil, quando se levam em conta as conclusões de pesquisas sociolinguísticas descritas no capítulo 2, segundo as quais a omissão do /R/ medial é incipiente.

A avaliação do apagamento do /R/ final é inconstante. No item *flor* ['fro] corresponde a 75% de avaliações como patologia, e para os demais itens *Vitor* ['vitu] e *jogar* [ʒo'ga], os julgamentos como alteração de fala correspondem a 25%. Apesar do item *Vitor* ['vitu] ser irregular, já que a forma *Vito* também se refere a um nome independente do nome *Vitor*, o item foi incluído aqui para reforçar a análise do fenômeno. Para *flor* ['fro], a análise do julgamento do /R/ em final de palavra revela a disparidade que acontece quando o rotacismo do /r/ brando marca o item como “alterado”, provavelmente induzindo o avaliador a considerar toda a pronúncia do item como uma alteração de fala, ou seja, o rotacismo e o apagamento do /R/ são



considerados como patologias. Para o nome próprio *Vitor* [ˈvɪtu], a avaliação como patologia é reduzida (vinte e cinco por cento) e para o outro nome próprio *Jeferson* [ˈʒɛfɪsu] não houve sequer um julgamento como patologia: parece haver certo conhecimento, mesmo que implícito, acerca da “proteção” sofrida pelos antropônimos com relação às variações. Os nomes próprios parecem inibir mudanças, como afirma OLIVEIRA (1991) na seção 2.4. O baixo índice de julgamento patológico, 25% para *Vitor* [ˈvɪtu] e 0% para *Jeferson* [ˈʒɛfɪsu] parece estar relacionado à característica dos antropônimos, como foi descrito no capítulo 2, seção 2.4, p. 31, e ao fato dos profissionais, enquanto usuários da língua, desconsiderarem a possibilidade desses itens sofrerem alterações patológicas ou variações, o que os tornaria irrelevantes para a avaliação de fala.

A baixa porcentagem de julgamento para o item *jogar* [ʒoˈga] demonstra que o apagamento do /R/ final em verbos é mais aceito e compreendido como variação por parte do avaliador ou do falante.

Em alguns itens a avaliação da autora desta pesquisa sobre a presença/ ausência do fonema /R/ não coincide com a dos demais avaliadores, como nos itens *árvore* e *torneira*. O item *árvore* percebido pela autora desta pesquisa como [ˈahvorɪ] e [ˈahvolɪ], mas para alguns profissionais o item foi percebido como [ˈavorɪ] e [ˈavolɪ]. O item *torneira*, percebido pela autora como [tohˈnelə], foi percebido pelos outros profissionais como [toˈnelə]. Como se vê a percepção do /R/ não foi consensual entre os profissionais, alguns apontaram a ausência do /R/. A tabela 3 descreve tais itens e relaciona também os dados sobre as avaliações dos profissionais.

Tabela 3: Não concordância entre profissionais na análise das amostras de fala

Palavra	No de ocorrências	No de avaliações da ocorrência.	Número de avaliações como omissão do fonema /R/	Porcentagem de avaliações como fenômeno patológico
[ˈahvorɪ]	1	5	2	45%
[ˈahvolɪ]	1	4	2	50%
[tohˈnelə]	1	4	2	50%

O registro das omissões de /R/ nos itens *árvore*, pronúncias [’ahvori] e [’ahvoli] e *torneira* [toh’nelə] causa estranheza à autora da pesquisa, que identificou a presença do fonema. Uma explicação possível para o registro de omissão pode dever-se ao fato de as crianças, para as quais o fenômeno foi apontado, apresentarem uma fala carregada de alterações (patológicas inclusive). Pode-se cogitar que, nesse caso, o profissional mostra-se propenso a apontar mais uma alteração, julgando a qualidade de fala ainda pior.

Além dessas avaliações, voltadas para o fonema /R/, julgamentos de outras variantes sociolinguísticas foram obtidos e dão sustentação à hipótese desta pesquisa. Veja-se o exemplo: *roupa* [’ropə], em que uma profissional apontou a omissão de /w/ como omissão patológica.

Vejamos outro exemplo: nenhum fonoaudiólogo chamou a atenção para a possibilidade de formas como *palhaço* [pa’yasʊ] e *flor* [fro] serem variações dialetais. Alguns profissionais apontaram a vocalização do /ʎ/, outros apontaram a substituição do // por /r/ e outros ainda julgaram as duas condições como patologias. Confirmam-se essas informações na tabela 4:

Tabela 4: Suspeita quanto à variação

	Número de avaliadores	Número de suspeita quanto à variação	Avaliação como fenômeno patológico	Porcentagem de suspeita acerca da variação.
[pa’yasʊ]	4	0	3	0%
[fro]	4	0	4	0%

A avaliação dos fonoaudiólogos, coletada através das amostras de fala, vai ao encontro das hipóteses apresentadas com relação ao apagamento do /R/ medial e final, as quais apontavam para a existência de correções sobre variantes sociolinguísticas.

A observação da tabela 2 revela que, na avaliação de oito itens que continham a variação, sete foram assinalados, por, pelo menos, um profissional, como itens portadores de omissão patológica do fonema /R/. Apesar do número reduzido de profissionais participantes da pesquisa, os resultados demonstram a dificuldade desses indivíduos em lidar com a variação e

classificá-la. Prova disso é que o mesmo profissional que julga uma omissão do /R/ em um item, como *flor* [fro], não menciona fenômeno algum para o item *borboleta* [bobo'letɔ], o que seria esperado tendo em vista a maior aceitabilidade do apagamento do /R/ final. Esse é um caso dentre outros, que demonstram inconsistência na avaliação da presença ou ausência do /R/ na fala das crianças. Os conhecimentos dos fonoaudiólogos, a respeito de fenômenos de variação, se mostram tímidos. A variação linguística parece pouco conhecida e às vezes demonstra ser ignorada dentre os profissionais de reabilitação da comunicação. Apesar de alguns profissionais terem demonstrado dúvidas ou apresentarem avaliações neutras, como se mencionou na análise precedente, a avaliação da fala requer maior conhecimento sobre os fenômenos fonológicos e de variação do que realmente acontece.

O primeiro teste, assim como os demais, foi respondido apenas por profissionais do sexo feminino. E, apesar das mulheres liderarem as inovações linguísticas segundo os estudos sociolinguísticos já realizados e descritos no capítulo 2, neste trabalho, de acordo com as conclusões obtidas, as profissionais apresentam dificuldades em reconhecer as variações. Provavelmente isso ocorre devido à soberania exercida pelo desvio fonológico na opinião das fonoaudiólogas.

O grupo de fonoaudiólogos foi composto de profissionais com tempos de experiência distintos, entre recém- formados como também atuantes há mais de seis anos. Considerando a possibilidade de o tempo de experiência ser um condicionador para caracterizar as avaliações, esse fator também foi analisado junto às respostas. A análise demonstrou que o tempo de experiência não se relaciona com a correção de variações linguísticas. Profissionais considerados recém-formados, com tempo de experiência de até um ano, apresentaram índices de avaliações como patologia, para o apagamento do /R/, correspondentes àqueles apresentados por profissionais mais experientes, formados há mais de um ano. Vejam-se as tabelas 5 e 6, abaixo:

Tabela 5: Profissionais formados a menos de um ano

	Tempo de experiência	Números de Itens/ocorrências avaliados	Números de avaliações patológicas	Porcentagem de avaliações com caráter patológico
M.R	6 meses	3	3	100%
G.M	6 meses	3	3	100%
R.L	3 meses	3	3	100%
V.M	6 meses	3	3	100%
S.V	1 mês	3	2	66%
M.L	7 meses	4	1	25%
L.R	6 meses	4	0	0%

Tabela 6: Profissionais formados a mais de um ano

	Tempo de experiência	Números de itens avaliados	Números de avaliações patológicas	Porcentagem de avaliações com caráter patológico
M.S	1 ano e 4 meses	3	3	100%
E.G	6 anos e 6 meses	3	3	100%
R.N	3 anos e 7 meses	4	2	50%
B.L	2 anos e 6 meses	3	1	33%
L.L	1 ano	3	1	33%
M.C	2 anos	4	0	0%

A observação das tabelas 5 e 6 permite a seguinte conclusão: tanto os fonoaudiólogos com experiência profissional de menos de um ano como aqueles com experiência superior a um ano classificam o apagamento do /R/ como patologia, seja em menor ou maior porcentagem.

Diante desses achados, pode-se perceber que a tarefa da avaliação fonoaudiológica não é fácil, pois muitas vezes o profissional só pode contar com a valorização do dialeto padrão ou o bom senso, em detrimento do domínio das variações do dialeto em seu entorno.

#### 4.1.2 A ANÁLISE DOS ITENS PELOS FONOAUDIÓLOGOS

A observação do perfil profissional, segundo a experiência, comparado à análise dos julgamentos sobre a variação revela que a avaliação do apagamento do /R/ como fenômeno patológico está mais relacionada ao item avaliado e à amostra selecionada do que à experiência profissional, tanto que profissionais com seis meses de experiência, como M.R, G.M, V.M, apresentados na tabela 5, avaliaram todos os itens apresentados como omissão patológica do fonema e outro profissional com o mesmo tempo de experiência, L.R, apresentado na mesma tabela, não apontou nenhum apagamento do /R/ como patologia. A descrição do profissional avaliador e as amostras de fala apresentadas a ele podem ser observadas através das tabelas 7A, 7B e 7C descritas abaixo, é importante lembrar que nem todos os fonoaudiólogos foram expostos aos mesmos itens. Os fonoaudiólogos M.S, V.M, R.L, G.M, M.R foram expostos a duas ocorrências de *guarda-chuva* [gɔdɔ'ʃuvɐ] e a uma ocorrência de *borboleta* [bobo'letɔ] (amostras R61 e R62), os fonoaudiólogos B.L, E.G, L.L, S.V foram expostos a uma ocorrência dos itens *borboleta* [bobo'letɔ], *flor* ['fro], *urso* ['usu] (amostras B6 e D8) e os fonoaudiólogos R.N, M.C, M.L, L.R foram expostos a uma ocorrência de cada um dos itens: *jornal* [ʃo'nɔw], *Vitor* ['vitu], *jogar* [ʒo'ga] e *Jeferson* ['ʒɛfisɨ] (amostras J6 e M9).

Nessas tabelas é apresentada a relação entre os profissionais envolvidos, os itens apresentados, nos quais ocorre a variação linguística que é pertinente (apagamento do /R/), além da porcentagem dessa relação: itens avaliados como patologia/ número total de itens.

Tabela 7A: Análise do perfil profissional X item (amostras das crianças R61 e R62)

Profissional	Itens Avaliados	Porcetagem de avaliações como patologia.
M .R.	[gədə'ʃuvə] (1) [gədə'ʃuvə] (2) [bobo'letə]	100%
G. M	[[gədə'ʃuvə] (1) [gədə'ʃuvə] (2) [bobo'letə]	100%
R. L	[gədə'ʃuvə] (1) [gədə'ʃuvə] (2) [bobo'letə]	100%
V. M	[gədə'ʃuvə] (1) [gədə'ʃuvə] (2) [bobo'letə]	100%
M. S	[gədə'ʃuvə] (1) [gədə'ʃuvə] (2) [bobo'letə]	100%

Analisando os dados dessa tabela, pode-se inferir que, na avaliação das amostras R61 e R62, das quais fazem parte os itens: *guarda-chuva* [gədə'ʃuvə] e *borboleta* [bobo'letə], todos os profissionais avaliadores desses itens consideraram o apagamento do /R/ como uma omissão patológica.

Tabela 7B: Análise do perfil profissional X item (amostras das crianças B6 e D8)

Profissional	Itens avaliados	Porcetagem de avaliações como patologia.
B. L	[ˈfro] [ˈusu] [boboˈletə]	33%
E. G	[ˈfro] [ˈusu] [boboˈletə]	100%
L. L	[ˈfro] [ˈusu] [boboˈletə]	33%
S. V	[ˈfro] [ˈusu] [boboˈletə]	66%

A análise dessa tabela demonstra que, na avaliação das amostras B6 e D8, das quais fazem parte os itens: *flor* [ˈfro], *urso* [ˈusu] e *borboleta* [boboˈletə], os profissionais não apresentam consenso sobre a avaliação do apagamento do /R/ como uma omissão patológica para esses itens. E os índices variam de 33% a 100% por de avaliações patológicas.

Tabela 7C: Análise do perfil profissional X item ( amostras das crianças J6 e M9)

Profissional	Itens avaliados	Porcetagem de avaliações como patologia.
R. N	[ʃo'nəw] [ˈvɪtu] [ʒo'ga] [ˈʒɛfisʊ]	50%
M. C	[ʃo'nəw] [ˈvɪtu] [ʒo'ga] [ˈʒɛfisʊ]	0%
M. L	[ʃo'nəw] [ˈvɪtu] [ʒo'ga] [ˈʒɛfisʊ]	25%
L. R	[ʃo'nəw] [ˈvɪtu] [ʒo'ga] [ˈʒɛfisʊ]	0%

Essa tabela, assim como a anterior- tabela 8- revela que os profissionais não apresentam consenso sobre a avaliação do apagamento do /R/ como uma omissão patológica para os itens: *jornal* [ʃo'nəw], *Vitor* [ˈvɪtu], *jogar* [ʒo'ga] e *Jeferson* [ˈʒɛfisʊ]. E os índices variam de 0% a 40% de avaliações como patologias.

Alguns itens podem chamar mais a atenção dos avaliadores, em detrimento de outros como, por exemplo, a comparação entre os julgamentos dos itens *urso* [ˈusʊ] e *Jeferson* [ˈʒɛfisʊ]. Para aquele item, pertencente à amostra B6, 50% dos profissionais consideram a omissão do /R/ como patologia (veja tabela 2) e para *Jeferson* [ˈʒɛfisʊ] que pertence à amostra M9, e



apresenta em sua estrutura, o ambiente seguinte semelhante ao de *urso* [ˈusu], nenhum fonoaudiólogo aponta a omissão do /R/. A avaliação social parece incidir mais sobre itens do que sobre o fonema propriamente dito. Isto é, parece que não são as variantes o alvo da estigmatização, mas determinados itens que as ilustram. É possível ponderar que a variação em tais itens dessas amostras é negada pelos avaliadores, pelo fato de não constar em suas “listas mentais” quando o acesso a elas é consciente. Apesar da proposta da fonologia autossegmental (Geometria de traços), descrita no capítulo 2, explicar a causa do apagamento do /R/ em ambos os casos, a análise estrutural não explica o fato de o julgamento ser diferente para cada item. O nome próprio *Jeferson* [ˈʒɛfisʊ] parece marcado e por esse mesmo motivo, como foi descrito também no capítulo 2, está mais protegido do julgamento sobre sua variação. É evidente que se deve considerar a hipótese de que o fonoaudiólogo não tenha dado a devida atenção à articulação do item. A primeira hipótese se sustenta devido ao fato de haver consenso entre quatro fonoaudiólogos.

O primeiro teste permitiu constatar que consensos e divergências não se relacionam ao tempo de experiência. Nas tabelas 5 e 6, o trabalho de julgar a alteração no segmento como variação linguística ou desvio fonético/ fonológico mostra-se complicado para profissionais com maior ou menor tempo de experiência profissional, conforme se percebe, através da comparação entre os casos R.L e E.G. Esses profissionais, com três meses, e seis anos e meio de atuação, respectivamente, classificaram os segmentos caracterizados pelo apagamento do /R/ da mesma forma, como uma omissão patológica do fonema. Conforme se viu, o fator que se destaca é o item lexical, que também se identificará nos próximos testes.

## **4.2 RESULTADOS DO SEGUNDO TESTE- APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM AMOSTRAS TRANSCRITAS**

Esta subseção se dedica à análise dos dados obtidos dos questionários com amostras transcritas. Os quadros com todos os dados obtidos nesta fase estão no ANEXO 5. A análise quantitativa e a relação entre essas avaliações serão descritas na subseção seguinte.

#### 4.2.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA APRESENTAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS COM AMOSTRAS TRANSCRITAS

A descrição da metodologia apresentou como objetivo específico deste teste a obtenção de resultados que confirmassem o fato de que o perfil linguístico da criança influencia a avaliação aplicada a sua fala. Por essa razão, cada uma das amostras enviadas aos profissionais continha três perfis distintos relacionados a três crianças. A primeira criança (C.S.S), apresentava um maior número de problemas de fala, com vários desvios e trocas fonológicas em meio às variações, exibindo uma fala bastante comprometida. A segunda criança (L.A.M), apresentava-se com uma fala intermediária, na qual alguns problemas patológicos estão ao lado das variações, e a última (R.F.V), apresentava uma fala apenas com variações linguísticas. A descrição das respostas obtidas através das avaliações dos profissionais encontra-se no ANEXO 5.

Todos os profissionais avaliaram todas as três crianças, devido à praticidade proposta pelo questionário. No entanto, cada criança apresentava os itens em diferentes configurações. A criança C.S.S apresentava os quatro itens, escolhidos conforme o capítulo 3 (*guarda-chuva, marcha, flor e por favor*), da seguinte forma: [dədə'ʃuvə], ['maʃə], ['flo] e [pufə'vo], diante disso o item [dədə'ʃuvə] foi descartado tendo em vista a uniformidade da análise em conjunto com os demais casos. O caso L.A.M apresentava [gədə'ʃuvə], ['maʃə], ['foh] e [pufa'voh], nesse , somente [gədə'ʃuvə] e ['maʃə] foram aproveitados. O caso R.F.V apresentava os itens [gədə'ʃuvə], ['maʃə], ['fro] e [pufə'vo], então ['fro] foi descartado para que houvesse conformidade com os outros dois casos. As repostas que apontaram o apagamento do /R/, mas se referiram ao "sotaque" mineiro não foram contabilizadas como omissão patológica.

O caso C.S.S foi analisado através do julgamento sobre o apagamento do /R/ nos itens: ['maʃə], ['flo] e [pufə'vo]. O caso L.A.M foi analisado através dos itens [gədə'ʃuvə] e ['maʃə]. O caso R.F.V foi avaliado através dos itens [gədə'ʃuvə], ['maʃə] e [pufə'vo].

A análise apresenta a comparação entre as crianças, por total de avaliações. Observe-se a tabela 8:

Tabela 8: Avaliação dos casos do questionário

	Número total de itens com apagamento do /R/	Número total de avaliações	Numero de avaliações como patologia	Porcentagem de avaliações patológicas
C.S.S	3	30	18	60%
L.A. M	2	20	16	80%
R.F.V	3	30	19	66,6%

A análise dessa tabela demonstra que a criança L.A.M sofreu maior número de julgamentos patológicos, apresentando um índice de 80%. Os resultados para C.S.S contrariam o esperado: as avaliações para essa criança não se configuram como o maior índice de avaliações como patologia, mas como o menor índice. No entanto, os resultados obtidos na análise de R.F.V, vão ao encontro da hipótese proposta pois demonstram que, mesmo uma criança que só apresenta variações linguísticas na fala, pode ser rotulada como portadora de alterações na fala. R.F.V obteve 66,6% de julgamentos como patologia, ou seja mais da metade das avaliações consideram o apagamento do /R/ para essa criança como uma patologia.

Diante dessa análise, foi levantada a possibilidade de haver influência dos itens no julgamento dos fonoaudiólogos. Procedeu-se, então, à análise por itens.

Antes de se apresentarem os resultados por item, cumpre observar que cada participante avaliou cada item em diferentes situações, algumas vezes coincidentes para duas ou para as três grades do questionário (duas ou três crianças), como os itens [gwədə'ʃuvə], [pufə'vo] e ['maʃə]; outras vezes, o item alvo apareceu somente em uma grade, como o item ['flo], por isso alguns itens alvos submeteram-se a trinta avaliações, outros a vinte ou apenas dez, visto que foram dez fonoaudiólogos participantes, conforme se relaciona na tabela 9:

Tabela 9: Relação de avaliações dos itens questionário

Item	Número total de avaliações	Número de avaliações como patologia	Porcentagem
[gwədə'ʃuvə]	20	16	80%
[ 'maʃə]	30	26	86,6%
[pufə'vo]	20	7	35%
[ 'flo]	10	4	40%

Como se vê o item *guarda- chuva* [gwədə] [ʃuvə] submeteu -se a vinte avaliações; o item *marcha* [ 'maʃə] a trinta avaliações; o item *por favor* [pufə'vo] a vinte avaliações e o item *flor* [ 'flo]a dez avaliações. A tabela 10 sistematiza a relação entre os itens e os casos avaliados.

Tabela 10: Avaliação dos itens X casos do questionário

Item	Num. aval totais para C.S.S	Num. aval patol. para C.S.S	Por Centa gem	Num. aval. totais para L.A.M	Num. aval. patol. para L.A.M	Porc enta gem	Num. aval. totais para R.F.V	Num. aval. patol. para R.F.V	Porce ntage m
[gwədə'ʃuvə]	0	0	-	10	8	80%	10	8	80%
[ 'maʃə]	10	10	100%	10	8	80%	10	8	80%
[pufə'vo]	10	4	40%	0	0	-	10	3	30%
[ 'flo]	10	4	40%	0	0	-	0	0	-

Diante da análise dos casos, em comparação com a descrição da avaliação dos itens, deve-se considerar que na grade do caso L.A.M, vista no ANEXO 3 foram aproveitados apenas os itens *guarda- chuva* [gwədə'ʃuvə] e *marcha* [ 'maʃə], como analisados pela tabela 10. Esses

itens, por apresentar o apagamento do /R/ medial (fenômeno ainda incipiente), podem ter influenciado a alta porcentagem de avaliações patologias para o caso L.A.M.

Cem por cento (100%) dos fonoaudiólogos avaliaram a ausência do fonema /R/ em *marcha* [ˈmaʃə] para a criança C.S.S, aquela que apresenta a fala mais comprometida, como uma alteração de fala , sendo que para as outras duas crianças (L.A.M e R. F.V) 80% dos profissionais (oito entre dez participantes) avaliaram como patologia. Essa tabela dá indícios de que o perfil de fala mais comprometido gera mais avaliações de patologia, mas que, nesse processo, o item é o fator mais saliente, como se observa no restante da análise deste teste.

Através da análise da tabela 10, pode-se notar que os itens, assim como o grau de comprometimento da fala influenciaram a avaliação dos fonoaudiólogos, visto que o maior índice de julgamentos patológicos (100%) é dado ao item *marcha* [ˈmaʃə] para a criança C.S.S.

Dois fonoaudiólogos (20%) consideraram a ausência do /R/ em *marcha* [ˈmaʃə] como patológica apenas para o caso C.S.S e um deles (10%) considerou a ausência patológica do /R/ em *por favor* [pufəˈvo] apenas para o caso C.S.S. Esses profissionais desconsideraram a patologia para os outros dois casos.

Para melhor visualização do julgamento sobre o apagamento do /R/ na posição medial para o caso C.S.S, observe-se o gráfico 4:

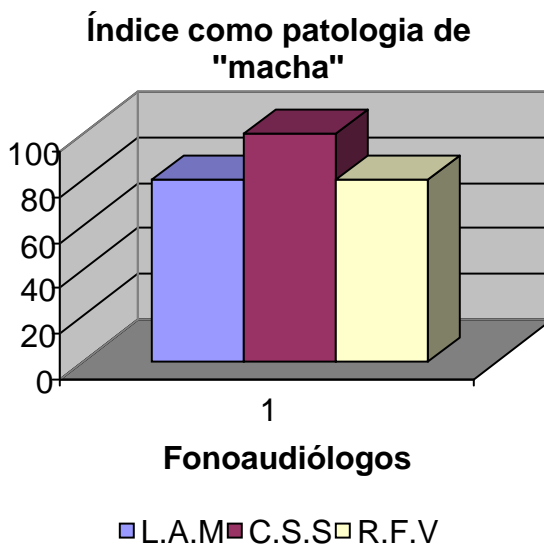


Gráfico 4: Comparação entre as avaliações do item [ʔmaʃə]

Esses resultados permitem sustentar que o profissional é induzido a rotular a criança pelo grau de comprometimento de sua fala ou pelo meio social que suas variações linguísticas evidenciam. O mesmo aconteceu na análise das amostras de fala – primeiro teste- (veja-se tabela 2), quando o rotacismo do /r/ brando no item *flor* [ʔfro] pode ter induzido 75% dos avaliadores a considerar o apagamento do /R/ final como uma alteração de fala.

Outro dado desta análise confirma a influência do perfil lingüístico. O item *por favor* [puʔə'vo] também sofre maior número de julgamentos patológicos para o caso C.S.S (40%) quando comparado o caso R.F.V (30%), onde a avaliação desse item também esteve presente.

Para melhor visualização do julgamento sobre o apagamento do /R/ na posição final para o caso C.S.S, observe-se o gráfico 5:

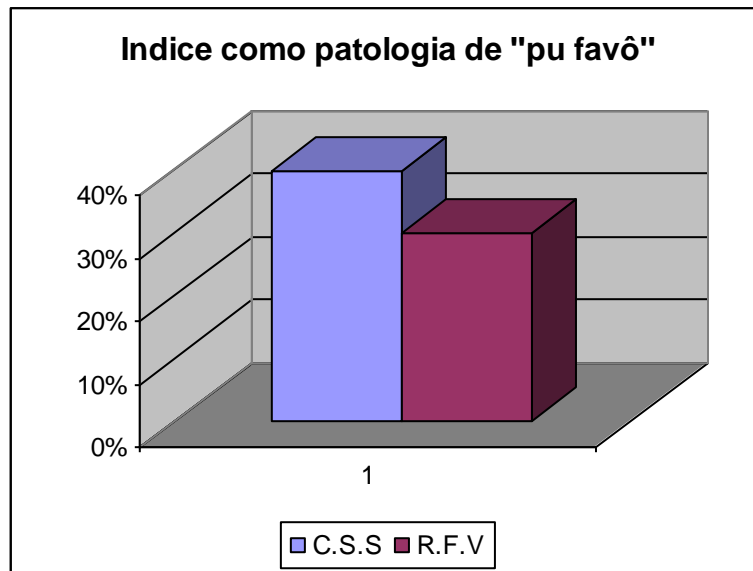


Gráfico 5: Comparação entre avaliações do item [pufə'vo]

O item *por favor* [pufə'vo], apesar de apresentar o apagamento do /R/ na posição medial e final, também demonstra ser alvo de maior número de julgamentos como patologia. Embora o apagamento do /R/ da posição final se mostre mais bem implementado, quando é avaliado para uma fala mais comprometida, o índice de julgamento enquanto patologia mostra-se aumentado.

Além da análise que considera o efeito do perfil linguístico, este segundo teste presta-se também à análise que verifica a hipótese geral que norteia a pesquisa. Deve-se lembrar que cada participante avaliou cada item em diferentes situações, conforme já se viu na tabela 9, exposta novamente abaixo:

Tabela 9: Relação de avaliações dos itens questionário

Item	Número total de avaliações	Número de avaliações como patologia	Porcentagem
[gwədə'ʃuvə]	20	16	80%
[ 'maʃə]	30	26	86,6%
[pufə'vo]	20	7	35%
[ 'flo]	10	4	40%

Iniciemos a análise dos resultados pelos itens em que a variável sob análise se realiza em posição medial.

O item *guarda- chuva* [gwədə'ʃuvə] estava presente na composição da fala de duas crianças, L.A.M e R.F.V, como se viu na tabela 10, sendo submetido a vinte avaliações, das quais dezesseis apontaram para a omissão patológica do /R/, o que corresponde a 80% do total de fonoaudiólogos. Os dez profissionais avaliaram o item *marcha* ['maʃə] para as três crianças, produzindo trinta avaliações para esse item. Dentre essas avaliações, vinte seis apontaram a ausência do /R/ em *marcha* ['maʃə] como omissão patológica do fonema, o que corresponde a 86,6% das avaliações.

Na tabela 9, que remete a uma avaliação geral, percebe-se que os itens *guarda- chuva* [gwədə'ʃuvə] e *marcha* ['maʃə] sofrem os maiores índices de julgamentos como patologia, visto que o apagamento do /R/ ocorre em posição medial nesses itens.

A análise demonstra, então, que parece haver maior tendência em classificar o apagamento do /R/ como alteração patológica quando a representação subjacente do fonema encontra-se em posição medial, como pode ser visualizado através do gráfico abaixo, que demonstra os resultados dos itens *guarda- chuva* [gwədə'ʃuvə] e *marcha* ['maʃə]:

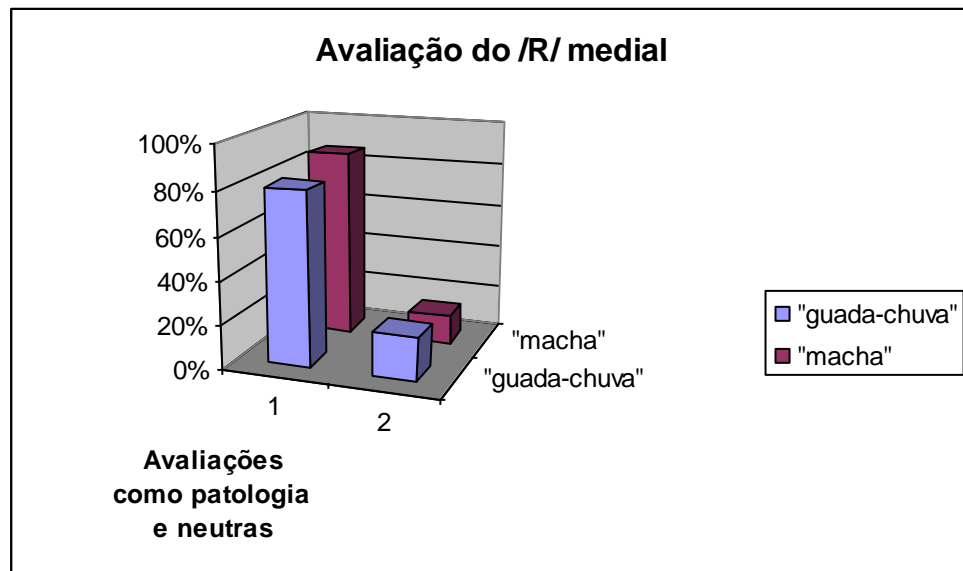


Gráfico 6: Avaliação do /R/ medial



O gráfico 6 ilustra, através das porcentagens, intituladas como “1” os valores atingidos pelas avaliações patológicas dos itens relacionados, 80% para *guarda-chuva* [gwədəʃuvə] e 86,6% para *marcha* [ˈmaʃə]. As porcentagens intituladas como “2” correspondem às avaliações neutras, ou seja, aquelas em que não houve avaliação como patologia para o apagamento do /R/, para esses itens - 20% para *guarda-chuva* [gwədəʃuvə], 13,4% para *marcha* [ˈmaʃə].

Passemos agora à análise dos resultados em que a variável se encontra em posição final. Dentre vinte avaliações da expressão *por favor* [pufəˈvo], sete apontaram a omissão patológica do fonema /R/, o que corresponde a 35% dos fonoaudiólogos e 40%, quatro julgamentos entre dez, fizeram a mesma avaliação para a palavra *flor* [ˈflo].

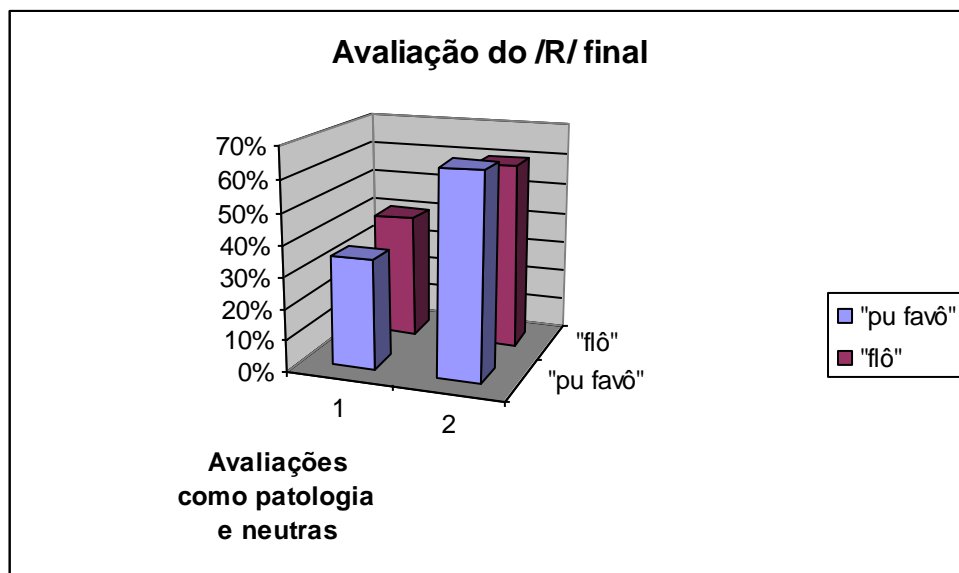


Gráfico 7: Avaliação do /R/ final

O gráfico 7 ilustra através das porcentagens, intituladas como “1” os valores atingidos pelas avaliações como patologia dos itens relacionados, 35% para *por favor* [pufəˈvo] e 40% para *flor* [ˈflo]. As porcentagens intituladas como “2” correspondem às avaliações neutras, ou seja, aquelas em que não houve avaliação como patologia para o apagamento do /R/, para esses itens- 65% para *por favor* [pufəˈvo], 60% para *flor* [ˈflo].

A comparação entre a tabela 9 e os gráficos 6 e 7 revela que a maioria dos profissionais que avaliaram os questionários tendem a classificar, como omissão patológica do /R/, o apagamento desse fonema no meio da palavra. Nessa situação tal apagamento está em

evidência, parece mais marcado como alteração de fala do que no final dos vocábulos, onde já há certo costume, principalmente por parte da mídia escrita, de omitir esse fonema em posição final, para representar o falar mineiro ou caipira, como ilustrado pelos quadrinhos de Maurício de Sousa no capítulo 2. Uma das profissionais avaliadoras (dez por cento) levantou a questão “regionalismo” para o apagamento do /R/ final, mas não o fez para a posição medial.

Os questionários também permitiram identificar o grau de atenção dada pelos profissionais a fatos de variação linguística: vinte por cento dos fonoaudiólogos (dois dentre os dez profissionais) levantaram a questão: “influência social ou da família” para os itens que ilustram rotacismo - /l/ → /r/ em *bicicleta* [bisi'krɛtə] e *blusa* ['bruzə]. Mas nenhum profissional levantou essa hipótese para o processo de vocalização - /ʌ/ → /y/ no item *palhaço* [pəy'əsɔ]. As avaliações dos profissionais que apontaram necessidade em avaliar o contexto não foram contabilizadas, já que poderiam se referir à influência das variações linguísticas. Veja-se a tabela 11:

Tabela 11: Avaliações sobre as variações: /l/ → /r/ e /ʌ/ → /y/

	Número total de avaliações	Número de avaliações como patologia	Porcen	Avaliações que consideraram a possibilidade de variação linguística	Porcen	Avaliações neutras	Porcen
[bisi'krɛtə]	10	4	40%	2	20%	4	40%
['bruzə]	10	4	40%	2	20%	4	40%
[pəy'əsɔ]	10	6	60%	0	0%	4	40%

As variantes contidas nesses itens estão associadas às classes menos favorecidas, por isso são estigmatizadas e tornam-se mais evidenciadas, já que são muito citadas na literatura ou mesmo no cotidiano. No entanto, como se vê, podem passar despercebidas ao fonoaudiólogo, como mostra o baixo percentual: apenas 20% dos profissionais considerou a possibilidade de

variação linguística para *bicicleta* [bisi'kretə] e *blusa* ['bruzə] e nenhum profissional apontou variação linguística para o item *palhaço* [pəy'əsɔ]. Os gráficos 8, 9 e 10 abaixo ilustram a comparação entre as porcentagens das avaliações para cada item:

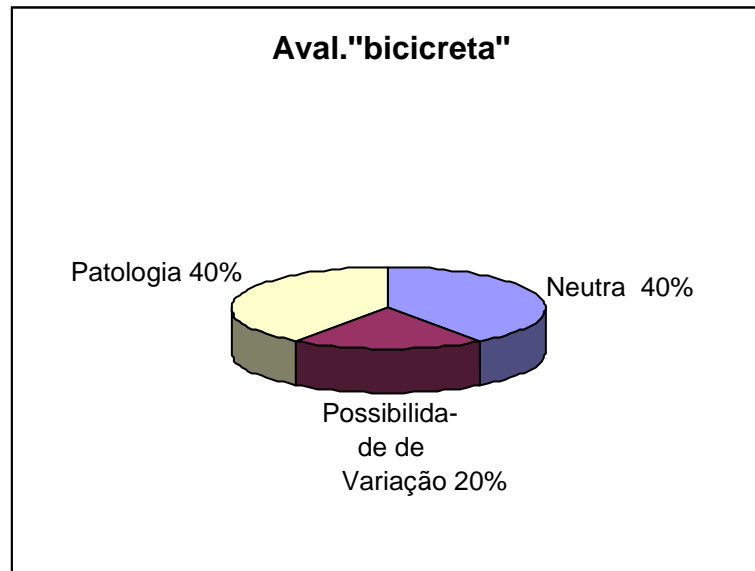


Gráfico 8: Avaliação do item *bicicleta* [bisikretə]

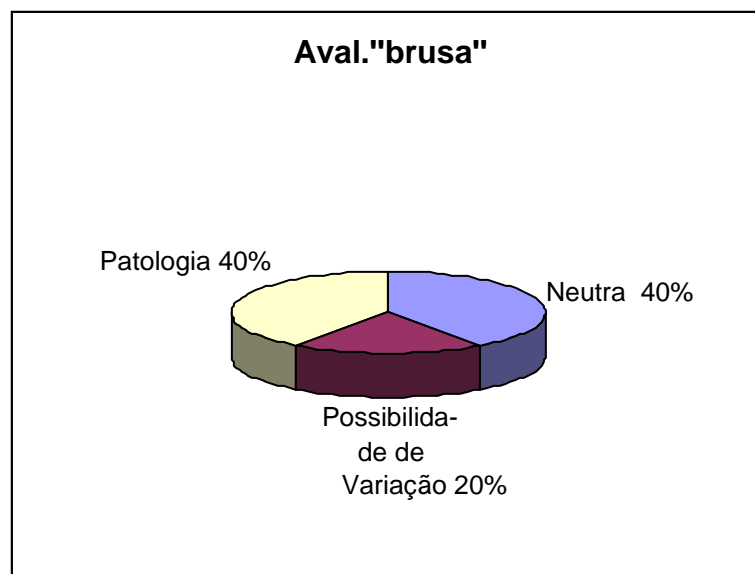


Gráfico 9: Avaliação do item *blusa* [bruzə]

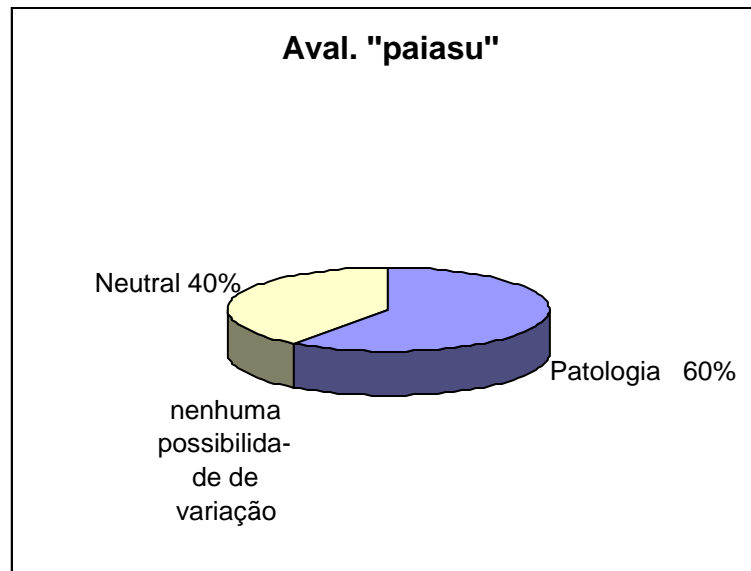


Gráfico 10: Avaliação item *palhaço* [pəyəsɯ]

A comparação entre a avaliação da forma subjacente dos itens *guarda-chuva* [gʷədəʃuvə] e *flor* [ˈflo] no primeiro teste, no qual os profissionais ouviram as amostras, e neste segundo teste, em que a avaliação foi feita sobre a forma escrita, demonstra uma maior tendência em classificar as variações como alterações de fala quando a avaliação se orienta pela escuta das amostras. No primeiro teste *guarda-chuva* [gʷədəʃuvə] sofreu 100% de avaliações como patologia e no segundo teste *guarda-chuva* [gʷədəʃuvə] sofreu 80% das avaliações dessa forma. O item *flor* [ˈfro] no primeiro teste obteve 75% de avaliações como patologia e no segundo teste apenas 40% dos profissionais apontaram o apagamento do /R/ em *flor* [ˈflo] dessa forma. Isso pode ser explicado pelo fato de que a forma escrita exige a consideração de uma pronúncia "interna", para si mesmo, e nesse momento o profissional julga sua própria fala e pode se deparar com as variações.

Esse desacordo parcial entre os resultados dos dois testes dá indícios de que há certa aceitação da variação fonológica, no meio fonoaudiológico, desde que o profissional tenha a chance de refletir sobre as produções linguísticas de seus pacientes. Como se viu, no primeiro teste, que reconstrói a situação diuturna dos consultórios, vários casos de variação linguística foram ignorados. Pode-se concluir, por ora, que o conhecimento da variação linguística identifica-se entre os profissionais dessa área, embora ainda de forma ainda insatisfatória, como demonstram não apenas os resultados dos dois primeiros testes, como também o da terceira etapa, que se expõe a seguir.

### 4.3 RESULTADOS DO TERCEIRO TESTE- A ANÁLISE DAS AVALIAÇÕES ARQUIVADAS

Os dados obtidos através da análise de transcrições dos prontuários de um arquivo foram correlacionados quantitativamente, conforme se expõe na próxima seção.

#### 4.3.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES ARQUIVADAS

A tabela 12 relaciona os itens- alvo de avaliação com o número de julgamentos sofridos como omissão patológica do fonema, assim como a porcentagem que essa relação representa diante do total de trinta e três prontuários de avaliação de fala de crianças. As transcrições fonéticas apresentadas na tabela consideraram apenas o apagamento do /R/; demais “alterações” anotadas pelo profissional não estão especificadas.

Tabela 12: Avaliação dos itens nos prontuários

Itens	Número de aval. como omissão de fonema	Total de casos	Porcentagem
[’usu]	17	33	51,5%
[bobo’letə]	10	33	30,3%
[so’vetʃi]	10	33	30,3%
[’gwədə] [’ʃuvə]	7	33	21,2%
[’flo]	4	33	12,1%
[’avori]	4	33	12,1%

O gráfico 11 permite a visualização dessas porcentagens. Os itens que apresentam apagamento de /R/ medial demonstram como as avaliações como patologia para esses casos são mais consistentes, com exceção de *árvore* [’avori], que apresenta o mesmo índice de *flor* [’flo] (apagamento de /R/ final).

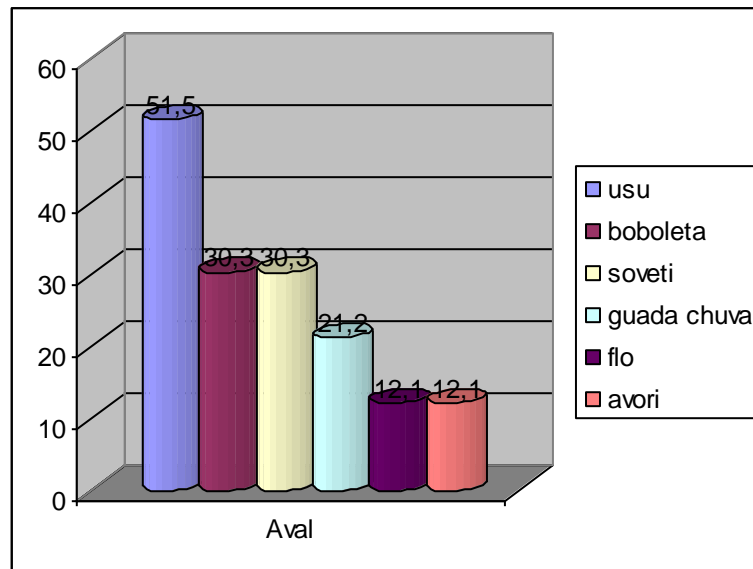


Gráfico11: Avaliação dos itens nos prontuários

A visualização do gráfico 11 permite inferir que a identificação do apagamento do /R/ medial também sofre variação, de acordo com o item em que ocorre. O apagamento do fonema é mais saliente em itens como *urso* [’usu], *borboleta* [bobo’letɔ] e *sorvete* [so’vetʃi]. Nos demais itens, *guarda-chuva* [gwɔdɔ’ʃuvɔ], *flor* [’flo] e *árvore* [’avori] também houve avaliação de patologia, porém em menor número. Esses resultados, que devem ser tratados como indícios, devido ao baixo número de dados, demonstram a dificuldade em lidar com as variações, o que conduz ao julgamento para desvios patológicos. Os itens que apresentaram maiores índices de julgamentos patológicos nas etapas anteriores, não foram necessariamente destacados nesta análise. As avaliações desse profissional demonstram peculiaridades como, por exemplo, a análise de *guarda-chuva* [’gwɔdɔ’ʃuvɔ], que apresentou na primeira etapa (veja tabela 2), 100% de avaliações como desvio patológico. Para o profissional, responsável pelo arquivo analisado, nesta etapa, o item obtém um percentual de pouco mais de 21% de julgamento como desvio.

Diante dos demais itens com /R/ medial, o item *urso* [’usu] se destaca pelo maior índice de julgamento como omissão patológica do fonema /R/, 51,5% nos dados do arquivo analisado. Uma provável explicação pode ser o fato de que a variação “apagamento do /R/” para o item *urso* [’usu] já se mostre como um fenômeno mais comum, atingindo um maior número de crianças. Essas crianças, por sua vez, procuram o atendimento fonoaudiológico e, diante do

desconhecimento do profissional acerca da variação, tem esse fenômeno rotulado como alteração de fala. Talvez, por isso esse item apareça mais na avaliação desse profissional.

Além disso, pode-se considerar o fato de se tratar de um vocábulo de extensão reduzida. *Urso* é uma palavra pequena e o apagamento de um fonema acaba por torná-la ainda menor, o que realça a ausência de um fonema aos ouvidos do avaliador. Há de se notar que, dependendo da articulação, tendo-se em conta o alçamento e a redução da vogal final, a palavra *urso* pode passar de dissílaba a monossílabo, o que pode contribuir para a maior saliência do cancelamento. A consideração de outro item corrobora essa reflexão: para o item *flor* [ˈflo] e , monossílabo, o apagamento do /R/ final não produz alteração de sílabas, portanto não provoca o mesmo “realce”, podendo ser mais negligenciado, como já mostraram os resultados até aqui apresentados nessa pesquisa.

Além do fator lexical, pode-se propor, nesta análise, que o fator “indivíduo” esteja atuando. Nesse caso, o profissional responsável por esse arquivo mostra-se mais perceptivo para os apagamentos do /R/ no item *urso* [ˈusu] . Como se disse, na seção 4.1.1, metade dos profissionais envolvidos na análise das amostras acústicas considerou o apagamento do /R/ como patológico para o item *urso* [ˈusu] . Esse resultado corrobora a idéia de que o realce dado a esse item é determinado pelo perfil do avaliador.

Diante de todos esses fatores a considerar para a predominância da avaliação do apagamento do /R/ em *urso* [ˈusu] , pode-se dizer que o julgamento é diferente para cada item, de acordo com a experiência linguística dos falantes. Constata-se que cada palavra parece comportar-se de maneira singular, de acordo com as diferentes interlocuções experienciadas pelos falantes. Isso requer um trabalho adicional, em que, com base em *corpora* mais extensos se equacione o peso dos fatores indivíduo e item lexical, conforme aponta OLIVEIRA (1992), seção 2.4.

A observação de outras partes do diagnóstico aponta registro de patologia para variantes linguísticas. Dentre os trinta e três casos, houve um, em que o profissional descreve como alterações no laudo final de avaliação, a " omissão do /R/" (*urso* [ˈusu], *borboleta* [boboˈletə]) e do /S/ em final de sílaba. Em outro caso, a avaliação relata que os desvios de fala se restringem à omissão do /R/ em final de sílaba (*borboleta* [boboˈletə], *sorvete*

[so'vetʃi] e *aniversário* [ənive'saryu]) e à abertura da vogal na palavra *soldado*, que foi registrado pela profissional como [sawdædu]. Assim, caso o “apagamento do /R/ medial” para os itens: (*urso* ['usu], *borboleta* [bobo'letə], *sorvete* [so'vetʃi] e *aniversário* [ənive'saryu]) fosse considerado ou ao menos questionado como uma variação, o laudo de avaliação desses indivíduos praticamente não concluiria alterações de fala. Isso quer dizer que a prioridade na obtenção de melhorias na comunicação não seria o tratamento da fala. Talvez esse tratamento poderia ser dispensável, já que os fenômenos mencionados podem ser variações fonológicas. E, além disso, de qualquer forma, o tempo de tratamento poderia ser reduzido.

Esses dados contribuem para confirmar a hipótese deste trabalho, visto que demonstram que o fonoaudiólogo tende a corrigir variações linguísticas, assim como se concluiu nos testes anteriores.

#### 4.4 CONCLUSÕES DAS ANÁLISES

A análise do primeiro teste demonstrou que 53,48% das avaliações de casos de variação linguística foram julgados como patologia. Um refinamento da análise permitiu identificar que itens específicos são responsáveis pelo resultado, visto que 100% dos fonoaudiólogos consideram o apagamento do /R/ como um desvio patológico para o item *guarda-chuva* [gwədə'ʃuvə], 78%, consideraram da mesma forma para o item *borboleta* [bobo'letə] e 75% apontaram o desvio para o item *flor* ['fro]. O elevado índice de julgamentos patológicos para o item *flor* ['fro] demonstra uma provável intolerância à variação, ao rotacismo e à classe social a ela relacionada. A baixa porcentagem de julgamento para o item *jogar* [ʒo'ga], 25%, demonstra que o apagamento do /R/ final é mais aceito e compreendido como variação por parte do avaliador ou do falante.

A análise das avaliações dos demais itens não ofereceu conclusões importantes. No entanto, o refinamento dessas análises permitiu concluir, através do baixo índice de avaliações patológicas para o apagamento do /R/, para o item *Vitor* ['vitu], correspondente a 25% e para o item *Jeferson* [ʒɛfisɐ], 0%, que os fonoaudiólogos, assim como os outros usuários da língua desconsideram a possibilidade de nomes próprios sofrer alterações patológicas ou variações. Os antropônimos demonstram estar relativamente protegidos da variação.



Tanto os fonoaudiólogos com experiência profissional de menos de um ano como aqueles com experiência superior a um ano classificam o apagamento do /R/ como patologia, seja em menor ou maior porcentagem. Os resultados demonstram a dificuldade desses indivíduos em lidar com a variação e classificá-la.

Os resultados do segundo teste demonstraram que os maiores índices de julgamentos patológicos se referem aos itens com apagamento do /R/ medial. Todavia, alguns itens parecem chamar mais a atenção do avaliador, como por exemplo, a comparação entre os pares de itens *guarda-chuva* [gwədə'ʃuvə] e *marcha* ['maʃə], que obtiveram 80% e 86,6% de avaliação como patologia, respectivamente, e os itens *por favor* [pufa'vo] e *flor* ['flo], com índices de 35% e 40% como omissão patológica do /R/. A análise dos casos apresentados obtém resultados que apontam para o fato de que o fonoaudiólogo tende a avaliar variações linguísticas como desvios na fala, visto que o caso R.F.V obteve 66,6% de julgamentos como patologia, e que a grade de itens apresentada para esse caso oferecia apenas variações linguísticas.

Um análise mais refinada dos questionários demonstrou que 100% dos fonoaudiólogos consideram o apagamento do /R/ no item *marcha* ['maʃə] como patológico para a criança C.S.S (mais comprometida). No entanto, 80% considerou o apagamento dessa forma para as demais crianças L.A.M e R.F.V. Esse fato revela que o profissional pode ser induzido a rotular a criança pelo grau de comprometimento de sua fala ou pelo meio social que suas variações linguísticas evidenciam.

Vinte por cento (20%) dos fonoaudiólogos levantaram a questão: "influência social ou da família" para os itens relacionados às substituições // → /r/ em *bicicleta* [bisi'krɛtə]" e *blusa* ['bruzə]. Nenhum profissional (0%) levantou esse questionamento para // → /y/ (vocalização da palatal) no item *palhaço* [pəy'əsɔ]. Através da observação de outros fenômenos de variação linguística, percebe-se que as variações podem passar despercebidas ao fonoaudiólogo.

A análise do arquivo do profissional permitiu as seguintes conclusões: a identificação do apagamento do /R/ medial também sofre variação, de acordo com o item em que ocorre, o item

*urso* [ˈusu] sofre 51,5% de avaliações patológicas, *borboleta* [boboˈletɔ] e *sorvete* [soˈvetɨ] representam 30,3%, *guarda-chuva* [gwɔdɔˈʃuvɔ] aparece com 21,2%, *flor* [ˈflo] e *árvore* [ˈavɔɾi] com 12,1%. As avaliações do profissional responsável pelo arquivo demonstram peculiaridades, como por exemplo, a análise de *guarda-chuva* [gwɔdɔˈʃuvɔ], que apresentou na primeira etapa da pesquisa, 100% de avaliações como desvio patológico e para esse profissional, nesta etapa, o item obtém um percentual de pouco mais de 21% de julgamento como desvio. Pode-se dizer através desses dados que o julgamento é diferente para cada item, de acordo com a experiência linguística dos falantes.

As três etapas permitiram análises em concordância entre si e com dados teóricos, como: parece haver maior tendência em considerar o apagamento do /R/ medial como alteração de fala, já que também é um fenômeno incipiente no dialeto; os antropônimos parecem ser mais reservados aos apontamentos como patológicos, assim como às variações, como relataram estudos teóricos; as variações que estão associadas à classe social mais baixa, ou aos indivíduos com a pronúncia mais comprometida sofrem maior intolerância pelos profissionais e pela norma padrão; os fatores individuais podem influenciar no julgamento sobre as variações; permitiram também concluir que o item apresenta grande relevância nesse julgamento e o mais importante revelaram o quanto a variação, apagamento do /R/ final ou medial é pouco conhecida pelos fonoaudiólogos. Os resultados das análises contribuem para a confirmação da hipótese, revelando indícios de correção das variações fonológicas, prestando a elas caráter de desvio fonológico.

## CONCLUSÃO

A inspiração para a realização deste trabalho surgiu a partir do conhecimento dos estudos da variação linguística e da percepção de que as considerações presentes nesses estudos não faziam parte da rotina fonoaudiológica de avaliação. Os testes tradicionais que compõem a avaliação da fala das crianças levam em consideração a idealização da “norma culta”, uma vez que são padronizados nacionalmente. A fala da criança é analisada em detrimento do “falar social”, ou seja, a análise da fala é destacada das variações linguísticas e por isso estabelece, por vezes, correções de variações linguísticas.

O levantamento desse estudo deu-se através da análise do julgamento realizado pelos fonoaudiólogos sobre o apagamento do /R/ final e medial. Essa variação foi eleita para a pesquisa tendo em vista a constante avaliação do fonema /R/ no trabalho fonoaudiológico, assim como pela existência de estudos sociolinguísticos que comprovaram a presença dessa variação no dialeto belorizontino. Este trabalho pretende prestar, como contribuição, dados para melhoria dos critérios de avaliação e tratamento das desordens da fala.

O desenvolvimento do trabalho iniciou-se pela pesquisa teórica, na qual foram levantados estudos sociolinguísticos, de fonética e fonologia assim como estudos da área fonoaudiológica. Durante o levantamento de estudos para a compreensão do fenômeno, alguns profissionais foram questionados para sustentação da hipótese inicial, e como esses profissionais confirmaram dificuldades em lidar com a variação, foi dado início à pesquisa propriamente dita.

A pesquisa foi composta de três etapas: a primeira, na qual se coletaram amostras de fala, que, em seguida, foram avaliadas por fonoaudiólogos, que colaboraram com esta pesquisa.; a segunda, na qual os profissionais receberam questionários com os itens transcritos para avaliação da produção das crianças; a terceira, em que o arquivo de avaliações, previamente realizadas por um profissional, foi analisado.

A primeira etapa continha nove itens com a variação do apagamento do /R/ final ou medial. A avaliação fonoaudiológica apontou desvio patológico para sete desses itens, o que evidencia dificuldades em diferenciar desvio de variação. Além disso, os dados apontaram também para um maior índice de correções para o apagamento medial. O cancelamento do /R/ final em verbos, que é considerado por OLIVEIRA (1997), um processo quase categórico, mostra-se

incipiente para o /R/ medial. O processo de enfraquecimento do /R/ se mostra, realmente, gradativo. A última parte a ser atingida parece ser o /R/ medial, que se mostra mais cristalizado, e por isso fica evidenciado na avaliação, mesmo diante da propagação da variação. Os dados levantados nessa primeira etapa ainda apresentam indícios de que itens, em específico, como o antropônimo pode apresentar comportamento atípico como, por exemplo, estar relativamente “imune” às mudanças ou, quando implementa a nova variante, não se sobressair no processo avaliativo.

Mesmo diante dos estudos que comprovam condicionamentos fonológicos, morfológicos e sociais para as diferentes realizações do /R/, o item, aqui, parece demonstrar seu poder, não só de influenciar a mudança, como também de influenciar o julgamento sobre a variação. Há que se considerar a enorme contribuição da fonologia autosegmental (Geometria de traços), a partir do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório), segundo HORA E MONARETO (2003), que justifica, através de dados estruturais, como os traços fonológicos podem ser manipulados. Mesmo assim, os resultados deste trabalho demonstram que nem todos os itens que implementam a variante inovadora se submetem à mesma avaliação social.

A análise dos questionários da segunda etapa torna perceptível a intolerância com relação às variações, através do alto índice de julgamento de patologia para o apagamento do /R/ medial, e a atribuição de omissão patológica para a criança que apresentava a fala mais comprometida. Essa análise propiciou a seguinte conclusão: o apagamento do /R/, quando ocorre na fala de crianças mais comprometidas por problemas, está ainda mais propenso a ser identificado também como omissão patológica, o que contribui para o aumento das dificuldades no quadro terapêutico da criança. Esse fato revela um prognóstico pior para a criança, a melhora pode ser considerada mais limitada diante de tantas dificuldades.

A terceira etapa, a análise do arquivo, contribuiu para a confirmação de que realmente há julgamentos de patologia para casos de variações linguísticas, e ainda permitiu inferir constatações sobre o caráter individual no julgamento da fala, uma vez que a avaliação como desvio patológico de determinados itens, realizada pela profissional responsável pelo arquivo, se mostrou, em termos quantitativos, diferente da apresentada pelos outros profissionais nas duas etapas anteriores.

Esta pesquisa confirma, de modo geral, a hipótese de que a variação linguística é muitas vezes desconhecida e ignorada entre os fonoaudiólogos. A avaliação da fala das crianças pelo fonoaudiólogo, pouco leva em consideração as variantes fonológicas sociolinguísticas. Considerando o tempo de formação e atuação profissional, nota-se que não há distinção, isto é, a decisão avaliativa é difícil para qualquer profissional. A identificação das variantes em meio ao percurso de aquisição de fala e às patologias é uma tarefa de difícil execução, sendo necessário um maior embasamento a respeito das variantes utilizadas pelos falantes da região.

Este estudo da avaliação fonoaudiológica do apagamento do /R/ final e medial, acrescido dos estudos anteriormente mencionados, demonstra que essa variação está atingindo o nosso falar, mas ainda parece desconhecida para o fonoaudiólogo, ou seja, apesar de o processo de apagamento estar se implementando, tal fenômeno fica à margem do trabalho desse profissional.

A conclusão dos resultados das três etapas vai ao encontro da hipótese que se sustenta: o fonoaudiólogo apresenta dificuldades para identificar a variação linguística, aqui representada pelo apagamento do R. Esse profissional tende a julgar essa variação como um problema de fala. Tal processo pode desconfigurar a avaliação da fala e ampliar o leque de "alterações" a ser tratadas, o que aumenta o tempo de tratamento de fala e o torna, por vezes, demasiadamente longo e oneroso para a rede pública ou particular. A sociedade moderna exige parâmetros de agilidade e eficácia em todos os âmbitos. Durante a realização deste trabalho, buscaram-se dados teóricos sobre a previsão do tratamento para a omissão do /R/, no entanto nota-se escassez desses parâmetros. Segundo VUETIC, 1976 in PERELLÓ, 1995, única referência encontrada sobre prognóstico de tratamento, os "rotacismos" necessitam de trinta e cinco sessões para melhoria. Hoje, de acordo com a resolução normativa RN nº 211/2010, o Rol 2010, as operadoras de planos de saúde devem oferecer cobertura de vinte e quatro sessões anuais para o cliente. Diante disso, torna-se relevante a necessidade de melhoria nos parâmetros avaliativos e de previsão de tratamento. A melhoria da avaliação pode contribuir para um planejamento de tratamento mais eficaz e, talvez, promover a melhoria da fala dentro de um menor espaço de tempo.

Além disso, o relatório avaliativo, composto de inúmeros problemas de fala, dentre eles variações fonológicas, atinge negativamente as expectativas da família com relação ao desenvolvimento da criança. Durante os primeiros anos de experiência profissional da autora

desta pesquisa, o desconhecimento da amplitude de casos de variações fez com que inúmeros processos avaliativos fossem contaminados por correções sobre variações. Algumas variações, mais conhecidas, como a vocalização de palatal ou a substituição de /l/ para /r/, eram consideradas sob suspeita de influência do meio social, mas as demais variações, inclusive as que dizem respeito à morfologia ou sintaxe eram consideradas desvios ou alterações de fala. A partir do conhecimento das variações e do emprego desse saber nas avaliações e acompanhamentos terapêuticos o tratamento torna-se mais eficiente e por vezes mais ágil.

Esta pesquisa confirma, de modo geral, a ideia de que a variação linguística é muitas vezes desconhecida e ignorada entre os fonoaudiólogos. Diante dessa comprovação, torna-se necessário a elaboração de material específico que oriente a construção de testes fonoaudiológicos mais criteriosos, no que concerne à variação linguística, para melhoria dos processos avaliativos e dos diagnósticos. Esta dissertação pretende ser uma contribuição neste sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE e SANDALO. Os róticos revisitados. Unicamp. 2002.

ALENCAR, M. S. Militão. Variação dos fonemas /r/ e /R/ no falar de fortaleza. Universidade federal do Ceará. 2006.  
[http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF\\_SIMP/textos/msilvanamilitao.htm](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/msilvanamilitao.htm)

ANDRADE, C. R. F.; BEFI-LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WERTZNER, H. F. ABFW- Teste de Linguagem Infantil: Nas Áreas de Fonologia, Vocabulário, Fluência e Pragmática. Pró-Fono. 2000.

BELINE, Ronald. A variação lingüística. INTRODUÇÃO A LINGÜÍSTICA. 122- 140. Contexto. Rio de Janeiro. 2005

BYBEE, Joan. Phonology and language use. Cambridge. University press, 2001.

\_\_\_\_\_. Regular morphology and the lexicon. Language and cognitive processes, Hove, V.10, n.5, 1995.

CALLOU, Dinah, MORAES, João, LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996.v.6.

\_\_\_\_\_. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. vol.14.n especial. Delta. São Paulo. 1998.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática, Nacional*, São Paulo, 1994.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística Histórica*. Ática, São Paulo. 1991.

FARIA, R. E. A. REALFA- Exame Fonético X Fonológico. 1994

- HERNANDORENA, Carmen L. Geometria de traços. In: BISOL, Leda, *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª edição. 47- 50. Edipucrs. UCPEL.1996.
- HORA, Demerval e MONARETTO, Valéria N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, Demerval, COLLISCHONN, Gisela (Org.), *Teoria lingüística- Fonologia e outros temas*. Ed. Universitária. João Pessoa. 2003.
- HUBACK, Ana Paula da Silva. O cancelamento do (R) final em nominais. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, Maio/2003.
- LABOV, Willian .Principles of linguistic change: Social factors.1963.
- \_\_\_\_\_. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. Resolving the Neogrammarian Controversy. *Language*, 57 (2),1981.
- \_\_\_\_\_.Building on Empirical Foundations. In:Lehmann,W. & Malkiel,Y.(eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*: Jonh Benjamins. Amsterdam. 1982.
- \_\_\_\_\_.A proposed resolution of the regularity question. In:\_\_\_\_\_.*Principles of linguistic change*: Basil Blackwell.Oxford .1994.
- \_\_\_\_\_.Principles of linguistic change: social factors:Blackwell,(v.2).Oxford .2001.
- LAMPRECHT, R.R.Aquisição Fonológica do Português.Artmed, Porto Alegre, 2004.
- LOWE, Robert J. Avaliação e intervenção. Aplicações na patologia da fala. 4ª edição. 87-106. Artes Médicas. Porto Alegre. 1996.
- MADUREIRA, Evelyne D. Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1987
- MESQUITA, Roberto Melo. Gramática da Língua Portuguesa, Saraiva, São Paulo, 1994.



MIRANDA, Ana Ruth Moresco. In: HERNANDORENA, Carmen Lúcia M. *Aquisição de língua materna e de língua estrangeira. Aspectos fonético-fonológicos*. Ed. Da UCPelotas. Pelotas. 2001.

OLIVEIRA, Marco Antonio de. Reanálise de um problema de variação. *Estudos lingüísticos. Série Estudos*. Uberaba. 1981.

\_\_\_\_\_. A controvérsia neogramática reconsiderada. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 89, pp. 93-105. 1991.

\_\_\_\_\_. Aspectos da difusão lexical. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v.1, Jul./dez. 1992.

\_\_\_\_\_. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v.1, Jan./jul. 1995.

\_\_\_\_\_. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de estudos de linguagem*, Belo Horizonte, v.6,n.2,jul/dez. 1997.

OLIVEIRA, Marilucia Barros. *Manutenção e Apagamento do (R) final de vocábulo na fala de Itaituba*. Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

PAGLIARIN, K. C. *Abordagem contrastiva na terapia para desvios fonológicos : considerações teóricas*. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

PERELLÓ, J. *Transtornos de fala*. Medsi. Rio de Janeiro. 1995

PHILLIPS, Betty S. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, Washington, v. 60, n.2, 1984.

REIS, Mariléia e BATTI Dias, Almerinda Bianca. A vibrante final de infinitivo na fala de crianças em fase final de aquisição de linguagem: efeito cumulativo de natureza fonomorfossintática sobre o fonema /r/. Ano 4, n.7,. <http://paginas.terra.com.br/educacao/revel/>. *Revista virtual de estudos da linguagem-ReVel*.2006.

RESOLUÇÃO NORMATIVA – RN No 211, de 11 de Janeiro de 2010.

[http://www.ans.gov.br/portal/site/legislacao/legislacao\\_integra.asp?id=1974&id\\_original=0](http://www.ans.gov.br/portal/site/legislacao/legislacao_integra.asp?id=1974&id_original=0)

Rev Fonoaudiologia Brasil. Jan, Fev e Mar 2005; 3(1):1-4.

<http://www.fonoaudiologia.org.br/REVISTA/vol-jan05/materia6-3.htm>

TARALLO, F & ALKMIN, T. *Falares crioulos. Línguas em contato*: Ática. São Paulo 1987.

VIOLA, Izabel Cristina. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC –SP, ISSN 1806-275X, 2006.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P. & MALKYED, M. (orgs.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

YAVAS, M., HERNANDORENA, C. L.; LAMPRECHT, R. R. Avaliação Fonológica da Criança (A.F.C). *Reeducação e Terapia*. Artmed. 1991.

## ANEXO 1

### Descrição das amostras de fala

**R61** " boboleta" "tataruga" "flor" "perna" "sorverti" "gada chuva"

---

**R62** "Uma árvori i um livru. U sapatu é pra u moçu usá, pra colocá, entendeu!....nu pé....U moçu tem qui levá pra pra loja, entendeu i tem que colocá muitas coisas ...dinheru....É....passarinhu...Coloca issu e issu...meia. Sapatu, cintu, rôpa....Ela tem qui nadá na chuva....Ela vai tomá banhu, onde qui ela entra lá na chuva e coloca issu aqui...Essi aqui é gada- chuva, não deixa ela molhá, ela tem qui molhá ó o pé, né!....Ela colocô o vistidu primeiru... Essi...É, u chapéu, aí u chapéu caiu. Tava tudu xuju né, aí ela pegô, tava tudo xuju, ela pegô, ela pegô u chapéu,colocô, tava cheiu de cocô, né, aí tava lá dentru cheiu de cocô, né. Ela pegô, colocô i u cabelu tava cheiu de cocô...."

---

**B6** "ocrus, relógiu, palhaçu, usu, boboleta, tataruga, onbus, frô, banheru, vazú, chicreti, matelo, parafusu, ropão, regua".

---

**D8** "ai ee falo pla i pla caverna dus extla terrestri, ees supilam na navi e vilam supê supê pordê extla, ai ees conseguiu abli e plendelam eli. Naquela revisitnha aqui, ai nu final eli conseguiu segulá pelu papel higiênicu, ai eli pegô o papel higiênicu, eli amarô numa arvoli alta."

---

**J6** "tonela, palde, água, tein, lifu, xonal, xilafa, sepa, xolóxico, máquina de costurá, capace..., panta, anivesáliu"

---

**M9** "jefisu, gabriel, só, juaó vitu, aaa iala, laisa, qui tem só treis anu. Jogá bola, também andá de bicicletá, também jogá videu game lá em casa, jogá na casa do jefisu, só. Videu gueime, iii joga lá em casa pei istexu. Aaaa, qui tem matá o chefão pá pegá a dozi, a arma que chama a dozi, É. , Ninguém consegui passá eli. Eu apaguei o otu, mas eu apaguei sem queê."

## ANEXO 2

PREZADO FONOAUDIÓLOGO,

SOLICITO A GENTILEZA DE CONTRIBUIR COM A COLETA DE DADOS CIENTÍFICOS DESTE TRABALHO DE MESTRADO.

TRATA-SE DE UMA PESQUISA SOBRE OS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA.

ENVIO EM ANEXO DUAS AMOSTRAS DE FALA COMPATÍVEIS COM *WINDOWS MEDIA PLAYER* E DURAÇÃO ENTRE 15 SEGUNDOS A 1 MINUTO E MEIO E O ANEXO QUE ORIENTA SOBRE TAIS AMOSTRAS.

POR FAVOR, LEIA O ANEXO, OUÇA CADA FALA (PREFERENCIALMENTE USE FONES), **ANOTE AS PALAVRAS "ALTERADAS", APONTE OS FONEMAS QUE ESTÃO "ALTERADOS" E OS TIPOS DE ALTERAÇÃO NAS QUAIS É NECESSÁRIA A INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA.** ESTAS ANOTAÇÕES PODEM SER REALIZADAS NA MESMA PÁGINA DO ANEXO.

SINTA-SE À VONTADE COM RELAÇÃO AOS TERMOS EMPREGADOS, NÃO SE PREOCUPE COM NOMENCLATURAS, ETC. APÓS AS ANOTAÇÕES, SALVE E REEVIE PARA MIM.

NÃO FORMULEI UM QUADRO DE RESPOSTAS (O QUE FACILITARIA MUITO) PARA NÃO INFLUENCIAR NOS RESULTADOS, OK?!

VOCÊ NÃO EMPREGARÁ MAIS QUE 10 MINUTOS.

DESDE JÁ AGRADEÇO SUA COLABORAÇÃO E COLOCO-ME À DISPOSIÇÃO PARA QUAISQUER ESCLARECIMENTOS,

ATENCIOSAMENTE,

ANA PAULA TEIXEIRA  
FONOAUDIÓLOGA CRFa -----  
MESTRANDA EM LINGUÍSTICA- UFMG  
ORIENTADORA EVELYNE DOGLIANI  
Tel -----

Fonoaudiólogo:  
Local de atuação:  
Tempo de atuação:

---

R61 e R62 (duas gravações da mesma criança)

Sexo feminino

6 anos

Contexto: R61-parte do teste REALFA

R62-descrição, nomeação de figuras, associação de idéias.

Relevante: Esta criança apresenta um discurso demasiadamente fantasioso.

---

### **AVALIAÇÃO DO FONOAUDIÓLOGO**

Obs: Caso seja necessário, pode se incluir mais linhas nas tabelas.

R61

Palavras Alteradas	Fonemas Alterados	Tipo de alteração

R62

Palavras Alteradas	Fonemas Alterados	Tipo de alteração


Fonoaudiólogo:  
 Local de atuação:  
 Tempo de atuação:

---

B6  
 Sexo feminino  
 6 anos  
 Contexto: parte do teste REALFA

D8  
 Sexo masculino  
 8 anos  
 Contexto: a criança está contando a história do livro que leu : Capitão Cueca.

---

### AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA

OBS: CASO SEJA NECESSÁRIO PODE SE INCLUIR MAIS LINHAS NAS TABELAS.

B6

Palavras Alteradas	Fonemas Alterados	Tipo de alteração

D8

Palavras Alteradas	Fonemas Alterados	Tipo de alteração


Fonoaudiólogo:  
 Local de atuação:  
 Tempo de atuação:

---

J6  
 sexo feminino  
 6 anos  
 Contexto: parte do teste REALFA

M9  
 sexo masculino  
 9 anos  
 Contexto: fala espontânea, a criança fala dos amigos e das brincadeiras que gosta.

---

### AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA

OBS: CASO SEJA NECESSÁRIO PODE SE INCLUIR MAIS LINHAS NAS COLUNAS.

J6

Palavras Alteradas	Fonemas Alterados	Tipo de alteração

M9

Palavras Alteradas	Fonemas Alterados	Tipo de alteração




### ANEXO 3

Prezado fonoaudiólogo, obrigada por participar desta pesquisa e contribuir com dados para o engrandecimento científico de nossa profissão.

A seguir, você analisará três quadros, cada um relacionado a uma amostra de **fala** de uma de três crianças (L.A.M, C.S.S e R.F.V) , com idades entre 6 e 7 anos. As palavras produzidas pelas crianças são as mesmas.

Diante da palavra estabelecida e de cada emissão relacionada, solicito que marque com um X no quadro de marcações, somente quando houver um "erro" na fala.

O objetivo é que você marque aqueles erros que sugerem necessidade de tratamento fonoaudiológico.

*EXEMPLO:*

P.H.T	P.H.T	P.H.T
0.1 SACOLA	0.1 XACOLA	0.1 X

Justificativa:

0.1 Houve uma substituição de fonemas S→X-Indicação de tratamento fonoterápico.

Projeto de Mestrado- UFMG  
Fonoaudióloga Ana Paula Teixeira CRFa -  
Tel -----

<b>L.A.M</b>	<b>L.A.M</b>	
<b>1. MARTELO</b>	<b>1.1 MARTELU</b>	
<b>2. PALHAÇO</b>	<b>2.1 PALHAÇO</b>	
<b>3. BICICLETA</b>	<b>3.1 BICIQUETA</b>	
<b>4. GUARDA-CHUVA</b>	<b>4.1 GUADA- CHUVA</b>	
<b>5. BLUSA</b>	<b>5.1 BUSA</b>	
<b>6. MARCHA</b>	<b>6.1 MACHA</b>	
<b>7. TOALHA</b>	<b>7.1 TUALHA</b>	
<b>8. FLÔR</b>	<b>8.1 FOR</b>	
<b>9. ONIBUS</b>	<b>9.1 ONIBUS</b>	
<b>10. POR FAVOR</b>	<b>10.1 PU FAVOR</b>	

<b>C.S.S</b>	<b>C.S.S</b>	
<b>1. MARTELO</b>	1.2 MATELU	
<b>2. PALHAÇO</b>	2.2 PAUAÇO	
<b>3. BICICLETA</b>	3.2 BICITETA	
<b>4. GUARDA-CHUVA</b>	4.2 DADA-CHUVA	
<b>5. BLUSA</b>	5.2 BUSA	
<b>6. MARCHA</b>	6.2 MACHA	
<b>7. TOALHA</b>	7.2 TOAUJA	
<b>8. FLÔR</b>	8.2 FLÔ	
<b>9. ONIBUS</b>	9.2 ONBINUS	
<b>10. POR FAVOR</b>	10.2 PU FAVO	

<b>R.F.V</b>	<b>R.F.V</b>	
<b>1. MARTELO</b>	1.3 MARTELU	
<b>2. PALHAÇO</b>	2.3 PAIAÇU	
<b>3. BICICLETA</b>	3.3 BICICRETA	
<b>4. GUARDA-CHUVA</b>	4.3 GUADA-CHUVA	
<b>5. BLUSA</b>	5.3 BRUSA	
<b>6. MARCHA</b>	6.3 MACHA	
<b>7. TOALHA</b>	7.3 TUAIA	
<b>8. FLÔR</b>	8.3 FRÔ	
<b>9. ONIBUS</b>	9.3 ONSBU	
<b>10. POR FAVOR</b>	10.3 PU FAVO	

## ANEXO 4

Os dados obtidos nas avaliações fonoaudiológicas estão descritos nos quadros abaixo, de acordo com a amostra apresentada, itens correlacionados, respostas de cada profissional e diagnóstico controle, que diz respeito à avaliação da autora da pesquisa. As respostas foram simplificadas para organização dos quadros, no qual pode-se observar:  $R \rightarrow \emptyset$ , *apagamento do R em coda*;  $r \rightarrow l$ , *substituição do r brando por l*;  $g \rightarrow k$ ,  $d \rightarrow t$ ,  $b \rightarrow p$  e  $ʒ \rightarrow ʃ$ , *desvozeamento de consoantes*;  $w \rightarrow \emptyset$ , *omissão de semi-vogal*;  $s \rightarrow ʃ$  e  $z \rightarrow ʒ$ , *palatização de fricativa*;  $l \rightarrow \emptyset$ , *omissão de líquida lateral*;  $\lambda \rightarrow i$ , *vocalização do líquida palatal*;  $\lambda \rightarrow l$ , *substituição de líquida palatal por líquida lateral*;  $l \rightarrow r$ , *rotacismo*;  $r \rightarrow \emptyset$ , *omissão do r brando*;  $k \rightarrow \emptyset$  e  $g \rightarrow \emptyset$ , *omissão de plosivas posteriores*;  $U \rightarrow \emptyset$  e  $a \rightarrow \emptyset$ , *omissão de vogal*;  $g \rightarrow t$ , *anteriorização de consoante*.

Amostras	R61				R62				
	“boboleta”	“tataruga”	“gada-chuva”	“sorvert i”	“flôr”	“gada-chuva”	“árvori”	“xuju”	“ropa”
Fonoaudiólogas									
M.S	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$s \rightarrow ʃ$	—	$R \rightarrow \emptyset$	—	$s \rightarrow ʃ$	—
V.M	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	—	$s \rightarrow ʃ$	—
R.L	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$g \rightarrow k$ $d \rightarrow t$ $R \rightarrow \emptyset$	$s \rightarrow ʃ$	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$s \rightarrow ʃ$	—
G.M	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$ $r \rightarrow L$	$R \rightarrow \emptyset$	Acréscimo de R	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$r \rightarrow L$	$s \rightarrow ʃ$	$w \rightarrow \emptyset$
M.R	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$ $w \rightarrow \emptyset$	—	—	$R \rightarrow \emptyset$ $w \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$s \rightarrow ʃ$	—
<b>Diagnóstico controle</b>	<b>Variação</b>	<b><math>R \rightarrow \emptyset</math></b>	<b>Variã o</b> <b>wa→a</b>	<b>Acréscimo de R</b>	<b>—</b>	<b>Variã o</b> <b>wa→a</b>	<b>Variã o</b>	<b><math>s \rightarrow ʃ</math></b>	<b>variã o</b>

Descrição dos resultados obtidos para as amostras R61 e R62.

Amostras	B6							
Itens	'palhaçu'	'frô'	'chicreti'	'cobra'	'usu'	'boboleta'	'tataruga'	'ocrus'
Fonoaudiólogas								
B.L	ɫ→i	L→r R→∅	L→r	—	—	—	—	—
E.G	ɫ→L	L→r R→∅	—	k→∅	R→∅	R→∅	R→∅	—
L.L	—	L→r	L→r	—	R→∅	—	R→∅	U→∅ L→∅
S.V	ɫ→i	L→r R→∅	L→r	—	—	R→∅	R→∅	U→∅ L→∅
<b>Diagnóstico controle</b>								
—	<b>variação</b> L→r <b>Articulação?</b>	L→r <b>Articulação?</b>	—	<b>variação</b>	<b>variação</b>	R→∅	U→∅ L→∅ <b>Articulação</b>	

Descrição dos resultados obtidos para a amostra B6.

Amostras	D8						
	'pla''	'arvoli''	'abli''	'plenderam''	'segula''	'supilam	'pela''
Itens							
Fonoaudiólogas							
B.L	r→L	R→∅ r→L	r→L	r→L	r→L	b→p	—
E.G	r→L	R→∅ r→L	r→L	—	r→L	r→L	r→L
L.L	—	r→L	r→L	r→L	r→L	r→L	—
S.V	a→∅ r→L	r→L	r→L	r→L	r→L	r→∅	—
<b>Diagnóstico controle</b>	r→L	r→L	r→L	r→L	r→L	<b>b→p</b> r→L	—

Descrição dos resultados obtidos para a amostra D8.

Amostras	J6										
Itens	"tornela"	"teim"	"lifú"	"xonal"	"xilafa"	"gada- ropa"	"panta"	"xoológico"	costurá"	"sepa"	
Fonoaudiólogas											
R.N	R→∅	r→∅	r→∅	R→∅	r→L	R→∅ U→∅	L→∅	—	—	—	—
M.C	—	r→∅	r→∅	ʒ→ʃ	—	—	L→∅	z→ʒ	s-distorção	—	—
M.L	R→∅	r→l	—	—	ʒ→ʃ	—	—	—	r→L	b→p r→∅	—
L.R	r→L	—	r→∅	ʒ→ʃ	ʒ→ʃ	—	L→∅	—	r→L	r→∅	—
<b>Diagnóstico controle</b>	r→l	r→∅	r→∅ v→f	ʒ→ʃ variação	ʒ→ʃ r→l	—	L→∅	z→ʃ ʒ→ʃ	—	z→s b→p r→∅	—

Descrição dos resultados obtidos para a amostra J6.



Amostras	M9									
Itens	“Iala”	“tês”	“biciqueta”	“play”	“Gabiél”	“queê”	“Laissa”	“jogá”	“Vitu”	
Fonoaudiólogas										
R.N	—	—	L→∅	—	r→∅	—	r→L	—	R→∅	
M.C	—	r→∅	L→∅	—	r→∅	—	—	—	—	
M.L	—	r→∅	L→∅	L→∅	g→t	r→∅	—	g→∅ R→∅	—	
L.R	r→L	r→∅	L→r	L→∅	r→∅	r→∅	r→∅	—	—	
<b>Diagnóstico controle</b>										
	r→l	r→∅	L→∅	L→∅	r→∅	r→∅	r→∅	g→∅ variação	variação	

Descrição dos resultados obtidos para a amostra M9.

## ANEXO 5

Os dados obtidos nas avaliações fonoaudiológicas estão descritos nos quadros abaixo, de acordo com a amostra apresentada, itens correlacionados, respostas de cada profissional e diagnóstico controle, que diz respeito à avaliação da autora da pesquisa, assim como foi realizado para o primeiro teste. As respostas foram simplificadas para organização dos quadros, no qual pode-se observar:  $R \rightarrow \emptyset$ , *apagamento do R em coda*;  $L \rightarrow \emptyset$ , *omissão de líquida lateral*;  $\lambda \rightarrow y$  e  $\lambda \rightarrow w$ , *vocalização do líquida palatal*;  $\lambda \rightarrow L$ , *substituição de líquida palatal por líquida lateral*;  $\lambda \rightarrow \emptyset$ , *omissão de líquida palatal*,  $L \rightarrow r$ , *rotacismo*;  $k \rightarrow t$  e  $g \rightarrow d$ , *anteriorização de plosivas posteriores*;  $i \rightarrow \emptyset$ , *omissão de vogal*. O quadro *descrição 1* refere-se à primeira metade dos avaliadores e o quadro *descrição 2* refere-se à segunda metade dos avaliadores.

Amostras	L.A.M										
	Itens	“martelu”	“palhaço”	“biciqueta”	“guada-chuva”	“busa”	“macha”	“tualha”	“for”	ônibus”	“pu favor”
Fonoaudiólogas											
S.T	—	—	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	—	$L \rightarrow \emptyset$	—	$R \rightarrow \emptyset$	
A.A	—	—	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	—	$L \rightarrow \emptyset$	—	$R \rightarrow \emptyset$	
R.M	—	—	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	—	$L \rightarrow \emptyset$	—	$R \rightarrow \emptyset$	
D.P	—	—	$L \rightarrow \emptyset$		$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	—	$L \rightarrow \emptyset$	—	—	
T.M	—	—	$L \rightarrow \emptyset$	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow \emptyset$	—	—	$L \rightarrow \emptyset$	—	—	
				—							
<b>Diagnóstico controle</b>	<b>variação</b>	—	$L \rightarrow \emptyset$	<b>variação</b>	$L \rightarrow \emptyset$	<b>variação</b>	<b>variação</b>	$L \rightarrow \emptyset$	—	<b>variação</b>	

Descrição 1 dos resultados obtidos para a amostra L.A.M.

Amostras	L.A.M										
	Itens	"martelu"	"palhaço"	"biqueta"	"guada-chuva"	"busa"	"macha"	"tualha"	"for"	"ônibus"	"pu favor"
Fonoaudiólogas											
L.H	—	—	L→Ø	R→Ø	L→Ø	R→Ø	—	L→Ø	—	—	—
S.B	—	—	L→Ø	R→Ø	L→Ø	R→Ø	—	L→Ø	—	R→Ø (regionalismo)	—
L.A	—	—	—	—	L→Ø	—	—	L→Ø	—	—	—
V.L	—	—	L→Ø	—	L→Ø	R→Ø	—	L→Ø	—	—	—
A.B	—	—	L→Ø	R→Ø	L→Ø	R→Ø	—	L→Ø	—	—	—
				R→Ø							
<b>Diagnóstico controle</b>	<b>variação</b>	—	L→Ø	<b>variação</b>	L→Ø	<b>variação</b>	<b>variação</b>	L→Ø	—	<b>variação</b>	<b>variação</b>

Descrição 2 dos resultados obtidos para a amostra L.A.M

Amostras	C.S.S									
Itens	“matelu”	“pauaço”	“biciteta”	“dada-chuva”	“busa”	“macha”	“toaua”	“flô”	ônbinus”	“pu favo”
Fonoaudiólogas										
S.T	R→Ø	ʎ→w	K→T L→Ø	G→D R→Ø	L→Ø	R→Ø	ʎ→w	R→Ø	—	R→Ø
A.A	R→Ø	ʎ→w	K→T L→Ø	G→D R→Ø	L→Ø	R→Ø	ʎ→w	R→Ø	Inv. sílabas	R→Ø
R.M	R→Ø	ʎ→w	K→T L→Ø	Assimi- lação	L→Ø	R→Ø	ʎ→w	R→Ø	Inv. sílabas	R→Ø
D.P	R→Ø	ʎ→w	K→T L→Ø		L→Ø	R→Ø	ʎ→w	—	Inv. sílabas	—
T.M	R→Ø	ʎ→w	K→T L→Ø	G→D R→Ø	L→Ø	R→Ø	ʎ→w	R→Ø	—	R→Ø
				G→D R→Ø						
<b>Diagnóstico controle</b>	R→Ø	ʎ→w	K→T L→Ø	G→D variação	L→Ø	<b>variação</b>	ʎ→w	<b>variação</b>	Inv. sílabas	variação

Descrição 1 dos resultados obtidos para a amostra C.S.S.

Amostras	C.S.S									
Itens	'matehu''	'pauaço''	'biciteta''	'dada-chuva''	'busa''	'macha''	'toaua''	'flô''	ônbinus''	'pu favo''
Fonoaudiólogas										
L.H	R→∅	ç→w	K→T L→∅	G→D R→∅	L→∅	R→∅	ç→w	—	Inv. sílabas	—
S.B	R→∅	ç→w	K→T L→∅	G→D R→∅	L→∅	R→∅	ç→w	R→∅ sotaque mineiro	b→n n→b	R→∅ sotaque mineiro
L.A	R→∅	ç→w	—	R→∅	—	R→∅	ç→∅	—	—	—
V.L	R→∅	ç→w	K→T L→∅	—	L→∅	R→∅	ç→w	—	Inv. sílabas	—
A.B	R→∅	ç→w	K→T L→∅	G→D R→∅	L→∅	R→∅	ç→w	—	—	—
				G→D R→∅						
<b>Diagnóstico controle</b>	R→∅	ç→w	K→T L→∅	G→D variação	L→∅	<b>variação</b>	ç→w	<b>variação</b>	Inv. sílabas	variação

Descrição 2 dos resultados obtidos para a amostra C.S.S.

Amostras	R.F.V									
Itens	“martelu”	“paiaço”	“bicicreta”	“guad a- chuva”	“brusa”	“macha”	“tuaia”	“frô”	“ônsbu”	“pu favo”
Fonoaudiólogas										
S.T	—	ɫ→y	L→r	R→∅	L→r	R→∅	ɫ→y	L→r R→∅	—	R→∅
A.A	—	ɫ→y	L→r	R→∅	L→r	R→∅	ɫ→y	L→r	<i>Distor- ção</i>	R→∅
R.M	—	ɫ→y	L→r	R→∅	L→r	R→∅	ɫ→y	L→r R→∅	—	R→∅
D.P	—	ɫ→y	L→r (avaliar contexto)	R→∅	L→r	R→∅	ɫ→y	L→r	<i>Apagam. sílabas</i>	—
T.M	—	ɫ→∅	—	—	—	—	ɫ→∅	—	—	—
<b>Diagnóstico controle</b>	—	variação articul?	variação articul?	variação	variação <b>articul?</b>	<b>variação</b>	Variação articul?	<b>variaçã o articul?</b>	variação	variação

Descrição 1 dos resultados obtidos para a amostra R.F.V.

Amostras	R.F.V										
	Itens	“martelu”	“paiaço”	“bicicreta”	“guada-chuva”	“brusa”	“macha”	“toaia”	“frô”	“ônsbu”	“pu favo”
Fonoaudiólogas											
L.H	—	$\lambda \rightarrow y$ (avaliar contexto)	$L \rightarrow r$ (avaliar contexto)	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow r$ (avaliar contexto)	$R \rightarrow \emptyset$	$\lambda \rightarrow y$	$L \rightarrow r$	<i>Inv. sílabas</i>	—	
S.B	—	$\lambda \rightarrow y$ (avaliar contexto)	$L \rightarrow r$ (avaliar contexto)	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow r$ (aval.con texto)	$R \rightarrow \emptyset$	$\lambda \rightarrow y$	$L \rightarrow r$ $R \rightarrow \emptyset$ sotaque mineiro $L \rightarrow \emptyset$	$i \rightarrow \emptyset$ inv de /s/	$R \rightarrow \emptyset$ sotaque mineiro	
L.A	—	$\lambda \rightarrow \emptyset$ (avaliar contexto)	$L \rightarrow r$ (avaliar contexto)	—	—	—	$\lambda \rightarrow \emptyset$	—	—	—	—
V.L	—	$\lambda \rightarrow y$	$L \rightarrow r$ Regionalismo	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow r$ Regionalismo	$R \rightarrow \emptyset$	$\lambda \rightarrow y$	$L \rightarrow r$	<i>Inv. sílabas</i>	—	
A.B	—	$\lambda \rightarrow y$ (avaliar contexto)	$L \rightarrow r$ Regionalismo	$R \rightarrow \emptyset$	$L \rightarrow r$ Regionalismo?	$R \rightarrow \emptyset$	$\lambda \rightarrow y$	$L \rightarrow r$ Regionalismo?	—	—	
<b>Diagnóstico controle</b>	—	variação Articul?	Variação Articul?	variação	Variação Articul?	<b>variação</b>	Variação Articul?	<b>variação</b> Articul?	variação	variação	

Descrição 2 dos resultados obtidos para a amostra R.F.V.